

CICLO DE CONFERÊNCIAS
REALIZADAS EM ÉVORA DE 12 A 14 DE JUNHO DE 2014

CULTURA, ESPAÇO PÚBLICO E DESENVOLVIMENTO

QUE OPÇÕES PARA
UMA POLÍTICA CULTURAL
TRANSFORMADORA?

Ciclo de Conferências “Cultura, Espaço Público e Desenvolvimento – Que opções para uma política cultural transformadora”
Évora, 12 a 14 Junho de 2014
CIMAC

Conferências integradas no projecto:
3C4 Incubators- Culture, Creative and Clusters for Incubators

Co-financiado pelo Programa MED

Organização CIMAC (Comunidade Intermunicipal do Alentejo Central) e Grupo Pro-Évora/
Colectivo Campo Aberto

> Sínteses e comentários dos painéis: Rui Matoso

(rui.matoso@gmail.com)

Design e impressão: milideias.pt

Data de publicação: Outubro 2014

Tiragem: 250 exemplares

NOTA INTRODUTÓRIA	5
PAINEL 1 - CULTURA E DESENVOLVIMENTO	9
COMENTÁRIO	
SÍNTESE DAS INTERVENÇÕES	
PAINEL 2 - CULTURA E ESPAÇO PÚBLICO	16
COMENTÁRIO	
SÍNTESE DAS INTERVENÇÕES	
PAINEL 3 - CULTURA E TERRITÓRIO	21
COMENTÁRIO	
SÍNTESE DAS INTERVENÇÕES	
PAINEL 4 - EXPERIÊNCIAS DE INTERVENÇÃO CULTURAL	27
COMENTÁRIO	
SÍNTESE DAS INTERVENÇÕES	
VISITA A ANTIGOS ESPAÇOS INDUSTRIAIS	33
ANTIGOS CELEIROS DA EPAC	
ANTIGA FÁBRICA DE ESCOLHA DE SEMENTES DE TRIGO	
ANTIGA FÁBRICA DAS CARNES	
NOTAS FINAIS	37



NOTA

INTRODUTÓRIA

Este Ciclo de Conferências insere-se no conjunto de iniciativas desenvolvidas no Alentejo Central (território que abarca os municípios de Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas,

Viana do Alentejo e Vila Viçosa), em relação com parceiros e instituições com poder de decisão e de influência nas políticas e ações de apoio ao setor cultural.

O estudo, reflexão e debate são essenciais, numa área que envolve diversas dinâmicas e transversalidades – quer no projeto e constatação de resultados, quer na definição de perspetivas e orientações para ação futura.

O Ciclo de Conferências agora apresentado insere-se no projeto **3C 4 Incubators – Culture, Creative and Clusters for Incubators**.

Iniciado em Julho de 2013, o **3C 4 Incubators** resulta da fusão de quatro projetos anteriores, localizados na área da promoção do setor cultural e criativo como fator de desenvolvimento territorial e de inovação económica e social.

Defende-se que a **cultura**, nas suas diferentes programações e manifestações, pode tornar-se fator de qualificação das sociedades em geral, por via de uma eficaz e articulada participação das diversas plataformas – estado, autarquia, associações, cidadãos.

O **3C 4 Incubators** é financiado pelo Programa MED – Programa de Cooperação Territorial para o Mediterrâneo, numa fase que poderemos designar de *capitalização*. Quer dizer: há projetos já concluídos, a nível do território europeu, que é preciso dar a conhecer, ampliando a visibilidade junto dos destinatários, criando sinergias e potenciando ações e inter-ações futuras.

É necessário tirar partido da experiência e dos dados entretanto adquiridos, afinando as prioridades e as novas linhas de orientação e comunicando o sentido das realidades locais, com vista a uma “universalização” dos valores em presença, tendendo a melhorar a caracterização futura dos chamados programas de cooperação territorial europeia.

Trata-se, no fundo, de procurar tirar partido de uma boa articulação entre conhecimento e prática em espaços mais sensíveis à intervenção cultural.

O **3C 4 Incubators** tem desenvolvido actividade destinada sobretudo a:

- *Setor cultural produtivo* (desenho e divulgação de “ferramentas”, metodologias para apoio à actividade das empresas culturais e incentivo à cooperação entre elas);

- *Estruturas de apoio à criação destas empresas* (conhecimento e definição de modelos de incubadoras culturais, sua potencial articulação com outras estruturas criativas e definição dos serviços de apoio necessários);

- *Território* (iniciativas junto de estruturas com poder de decisão e influência em políticas de apoio ao setor, iniciativas para estudo e debate e definição de orientações para o próximo período de programação).

O Ciclo **Cultura, Espaço Público e Desenvolvimento** | *Que opções para uma política cultural transformadora?* decorreu entre os dias 12 e 14 Junho, em Évora, na Sala de Conferências da CIMAC, numa organização conjunta entre a CIMAC e o Grupo Pro-Évora/Colectivo Campo Aberto e contou com a seguinte programação:

12 JUNHO

10.00h: PAINEL 1 - CULTURA E DESENVOLVIMENTO

Moderador: Carlos Pinto Sá (Presidente CM Évora)

Cristina Farinha (Coordenadora ADDICT – Creative Industries – Portugal): “Crítica/(des)construção dos mecanismos de política cultural e empreendedorismo”

António Guerreiro (Jornalista): “Política cultural e desenvolvimento económico”

Ana Paula Amendoeira (Diretora Regional de Cultura do Alentejo): “Cultura e desenvolvimento: *aggiornamento* de uma dupla imbatível?”

Cláudio Torres (Arqueólogo): “Estratégias de ação cultural no território: investigação e conhecimento ao serviço do bem comum”

14.30h: PAINEL 2 - CULTURA E ESPAÇO PÚBLICO

Moderador: Celestino David (Presidente do Grupo Pró-Évora)

Fernando Pinto (Arquiteto): “Espaço público – uma base dinâmica de cidadania”

Aurelindo Ceia (Designer): “Dimensão política do design no desenho do espaço público”

Frederico Pompeu da Silva (Designer e Ilustrador): “A inscrição do cidadão no meio urbano – perspetivas sobre o projeto em design”

13 JUNHO

10.00h: PAINEL 3 - CULTURA E TERRITÓRIO

Moderador: Luis Cavaco (Diretor Geral ADRAL - Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo)

Eduardo Miranda (Arquiteto): “Centros Históricos - Edifícios, Viúências e Perspetivas”

Jorge Silva (Arquiteto): “O valor dos novos espaços permeáveis à intervenção cultural “

Margarida Cancela d’Abreu (Arquiteta Paisagista): “Urbanismo como motor de cultura e desenvolvimento”

14.30h: PAINEL 3 - CULTURA E TERRITÓRIO (CONT.)

Visita ao edifício dos antigos Celeiros da EPAC (apresentação do projeto e enquadramento: Arqº Miguel Marcelino e Arqº Eduardo Miranda)

Visita aos edifícios das antigas Fábricas das Carnes e da Escolha de Trigo (enquadramento: Arqº Eduardo Miranda)

14 JUNHO

10.00h: PAINEL 4 - EXPERIÊNCIAS DE INTERVENÇÃO CULTURAL

Moderador: Rui Matoso (Gestor e programador cultural)

Fundação Eugénio de Almeida – **Maria do Céu Ramos** (Secretária Geral da FEA)

Centro Hércules -Universidade Évora – **Cristina Dias** (Diretora-adjunta)

Sociedade Harmonia Eborense – **Miguel Pedro** (Vogal da Direção)

Centro Dramático de Évora – **José Russo** (Diretor do CENDREV)

Espaço do Tempo – **Rui Horta** (Diretor Artístico)

12.00h: Apresentação das conclusões: **Rui Matoso** / Encerramento

A intervenção nos diversos Painéis será apresentada nos capítulos seguintes.

Deve sublinhar-se a qualidade das comunicações apresentadas, não apenas pela expressão dos seus conteúdos, mas também do entendimento geral das problemáticas em presença.

Assim, foram abordados temas como, genericamente, as relações entre cultura erudita, cultura popular e cultura de massas, a caracterização do território como espaço de culturas (também no sentido das culturas da terra), o urbanismo e a arquitetura paisagista como necessidade técnica e de incidência nas decisões do poder, a apropriação crítica dos valores da história, a dimensão política do design e da arquitetura na definição do espaço público, património e patrimónios...

O arquiteto Fernando Távora, em texto publicado em 1968, afirmava: *“Torna-se hoje muito clara a consciência da mútua relação entre espaço organizado e comportamento humano, a todos os níveis de quantidade e de qualidade, o que permite encarar o problema da Cidade como forma (e não soma de formas) e suas determinantes no comportamento global do Homem.”*

Aquilo que foi traduzido nas diversas formas de reflexão apresentadas neste Ciclo de Conferências assume, em boa parte, a consciência crítica que Távora expressava, há cerca de 50 anos. Mas reflete ainda outra coisa: que as expressões culturais se identificam não apenas com o esforço da aquisição e especulação em torno de saberes novos, mas também com ancestrais modos de organização e a possibilidade da sua expressão através da ação e da atenção dos cidadãos – nos diversos níveis de complexidade e nas diversas responsabilidades do poder.

PAINEL 1

CULTURA E DESENVOLVIMENTO

COMENTÁRIO A relação histórica entre cultura e desenvolvimento foi neste painel um dos tópicos com maior expressão e transversalidade, ainda assim é possível complementar este debate com fatos mais recentes e que importa re-

conhecer. Por um lado é inegável o surgimento de novas formas de entender o desenvolvimento na sua íntima conexão com as culturas, nomeadamente a via proposta por Amartya Sen (prémio Nobel da economia) de um «desenvolvimento como liberdade», onde liberdade política significa dar aos cidadãos a oportunidade de discutir, debater e participar nas escolhas dos princípios e valores para eleger as prioridades do desenvolvimento. Esta noção veio posteriormente dar origem à ideia de «desenvolvimento humano», cujo relatório *Desenvolvimento Humano de 2004* (PNUD¹), se focava no tema da *Liberdade Cultural num Mundo Diversificado*.

Acentuando a divergência com a *Organização Mundial do Comércio* que, apoiada pelos EUA, pretendia incluir a cultura nos tratados de livre comércio internacional, a UNESCO veio a estabelecer internacionalmente a *Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais* (2005). Ora, esta transformação e perda de hegemonia dos EUA no contexto da globalização, levou ao surgimento da *Agenda 21 da Cultura* (A21C)² no âmbito do *Fórum Social Mundial*. A relevância do *Fórum Social Mundial* (Porto Alegre foi a cidade brasileira escolhida para sede do I Fórum Social Mundial, em 2001) na construção de uma alternativa à globalização capitalista e neoliberal - e como antítese do *Fórum de Davos*-, é pois um indicador de que os princípios e valores consagrados na A21C, nomeadamente uma filosofia genuinamente participativa e uma forte preocupação com os direitos e liberdades culturais, podem ser úteis à consolidação de uma consciência crítica que favoreça práticas instituintes (re-instituição das instituições culturais) e uma democracia de alta intensidade, sem as quais muito dificilmente se poderá falar em «políticas culturais transformadoras». Se, por um lado, o desenvolvimento tem necessariamente a ver com transformação, por ser sobretudo um processo de elaboração, confronto e realização de projetos; por outro, cultura e de-

1 www.pnud.org.br

2 <http://www.agenda21culture.net>

envolvimento interpenetram-se e quase se fundem, pois são consubstanciais.

Nestas circunstâncias torna-se necessário uma política cultural do desenvolvimento: a cultura como “consciência crítica” do desenvolvimento; e em simultâneo, uma política de desenvolvimento da cultura: reforço da democracia participativa e da diversidade cultural, participação culturalmente orientada. Pressupõe-se aqui um desenvolvimento endógeno: para que os atores possam mudar-se a si próprios através da criatividade social em vez de continuarem presos a imposições externas. E desta forma «assegurar a cada um a possibilidade de contribuir para a formação de ideias e participar na definição das opções que determinam o futuro». (Declaração Europeia sobre os Objetivos Culturais, 1984).

SÍNTESE DAS CONFERÊNCIAS No painel inaugural do ciclo de conferências “Cultura, Espaço Público e Desenvolvimento | Que opções para uma política cultural transformadora?”, moderado por **Carlos Pinto Sá** (Presidente Câmara Municipal de Évora), participaram **Cristina Farinha** (Coordenadora Executiva da ADDICT – Agência para o Desenvolvimento das Indústrias Criativas – Portugal); **António Guerreiro** (Jornalista e Ensaísta) e **Ana Paula Amendoeira** (Diretora Regional de Cultura do Alentejo).

Carlos Pinto Sá, abriu o ciclo de conferências introduzindo algumas ideias relacionadas com os tópicos em debate neste painel, designadamente a noção abrangente e antropológica de cultura, bem como a sua íntima conexão com o desenvolvimento, veiculada pela UNESCO na *Conferência Mundial do México de 1982*: «a cultura como o conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem um grupo social (...) engloba modos de vida, os direitos fundamentais da pessoa, sistemas de valores, tradições e crenças; e o desenvolvimento como um processo complexo, holístico e multidimensional, que vai além do crescimento económico e integra todas as energias da comunidade»³.

Neste contexto introdutório, citou ainda o conceito de cultura no pensamento de Bento de Jesus Caraça: «A aquisição da cultura significa uma elevação constante, servida por um florescimento do que há de melhor no homem e por um desenvolvimento sempre crescente de todas as suas qualidades potenciais, consideradas do quádruplo ponto de vista físico, intelectual, moral e artístico; significa, numa palavra, a conquista da liberdade»⁴.

Posteriormente evocou os oito *Objetivos de Desenvolvimento do Milénio* (ONU)⁵ de modo a averiguar-se da sua pertinência e relação com a dimensão

3 http://portal.unesco.org/culture/es/files/35197/1191941380/mexico_sp.pdf/mexico_sp.pdf

4 Bento de Jesus Caraça (1933) . A Cultura Integral do Indivíduo - Problema central do nosso tempo. (Conferência realizada na União Cultural «Mocidade Livre» em 25 de Maio de 1933). Acessível em: http://www.dorl.pcp.pt/images/SocialismoCientifico/texto_bjcara%E7a.pdf

5 <http://www.objetivosdomilenio.org.br>

cultural do desenvolvimento. À escala nacional e numa outra esfera de preocupações elencadas por Carlos Pinto Sá, foi referida, por um lado, a preocupante «reconcentração global do poder» e, por outro, «a uniformização neoliberal dos valores, também dos valores culturais». Já no que respeita à dimensão geográfica regional, o moderador considerou que, no âmbito de uma política cultural que se confronte com a globalização, o Alentejo possui uma «forte e única identidade cultural», a qual poderá reverter como potencialidade, conjuntamente com a necessidade de abertura ao exterior.

A ligação «umbilical» entre cultura, património e educação; as questões da participação dos cidadãos e do movimento associativo; a importância da criação artística e a cultura como recurso económico foram igualmente salientados como vetores essenciais de uma política cultural contemporânea. A encerrar a intervenção, relembrou os Art.ºs 9.º, 42.º e 73.º da Constituição da República Portuguesa, para sublinhar a importância da cultura nos domínios da liberdade de criação cultural e dos direitos e deveres, enquanto tarefas fundamentais do Estado.

Cristina Farinha, iniciou a sua intervenção, com o tema «Crítica/(des) construção dos mecanismos de política cultural e empreendedorismo», fazendo uma breve apresentação da ADDICT⁶ e relevando a importância do trabalho em rede a diversas escalas.

Na sua perspetiva, o mundo globalizado e interligado traz novas exigências aos profissionais da cultura e da criatividade, facto que é acompanhado pelas políticas vigentes de promoção do empreendedorismo, da competitividade e das indústrias criativas - uma denominação que aliás vem sendo usada como substituto de arte e cultura. Estes chavões (empreendedorismo, inovação, criatividade,...) que aparecem amiúde nos discursos oficiais, vêm-se tornando uma espécie de fórmula mágica que pretende resolver todos os problemas, sem que no entanto se reconheçam os seus fundamentos. Todavia, nesta conjuntura paradoxal, a “cultura”, entendida aqui como “setor cultural”, vem sendo sistematicamente sujeita a uma despromoção como área estratégica prioritária, nomeadamente no seu papel fundamental no desenvolvimento dos territórios, o que vai muito para além dos cortes orçamentais.

No contexto dos atuais mercados de trabalho, referiu a inversão da postura face a uma visão atípica das profissões criativas e cognitivas, passando estas a ser encaradas agora como modelo dominante da desregulação e da flexibilidade laboral, características fortemente valorizadas pelas exigências de empregabilidade. No fundo, «hoje trabalhamos todos um pouco como artistas», porque as competências que nos são exigidas (formação ao longo da vida, adaptabilidade, flexibilidade, mobilidade,...) são, desde há muito, características das profissões artísticas, aplicadas doravante a outros setores, nomeadamente atividades profissionais liberais e intelectuais. Esta viragem de entendimento

6 www.addict.pt

do trabalho é no entanto acompanhada de uma contradição: a classe artística continua a carregar sobre si o estigma social da subsidio-dependência, quando pelo contrário é desde sempre uma classe profissional empreendedora, pois sem essa qualidade seria impossível um artista sobreviver no mundo da arte. Toda esta aparente fluidez, promovida pelas mobilidades e pela ubiquidade tecnológica no universo criativo, é na realidade um sistema complexo quando perspectivado a nível internacional. Sistema que requer uma ampla diversidade de recursos, o que significa uma elevada dose de esforço e uma permanente dinâmica por parte dos agentes criativos, sobremaneira dificultada nesta conjuntura de enfraquecimento do Estado Social.

Cristina Farinha considera que o conceito de empreendedorismo tem sido demasiado afunilado na sua vertente empresarial, preferindo antes entendê-lo como sinónimo de iniciativa, capacidade crítica de intervenção e posicionamento numa sociedade de aprendizagem e de risco, que permita uma atuação mais informada. Neste sentido, as parcerias e colaborações transdisciplinares ganham centralidade quando se trata de agir num regime de economias de escala, mas também porque fomentam a consciência política e a voz pública de uma classe tida como atomizada e sem corpo coletivo.

Ainda assim, sem uma política cultural de largo espectro - que articule cultura, educação, ciência, artes e indústrias criativas - torna-se difícil favorecer um clima de experimentação, tão necessário a estas atividades. A exigência, afinal, de uma política cultural que gere medidas de regulamentação do sector, que facilite o acesso a novas formas de financiamento adaptadas ao perfil e propósitos do setor ao nível estrutural, mas também o apoio pontual e específico aos projetos; bem como promova a circulação da informação, a criação de entidades com e sem fins lucrativos, e o aparecimento de uma maior diversidade de intermediários. Caso contrário, não se pode esperar que estes agentes criativos, de uma forma geral, sejam individualmente responsabilizados pela geração permanente de inovação e retribuição do seu potencial criativo à sociedade.»

António Guerreiro começou por trazer a experiência pessoal da viagem ao Alentejo, aludindo à paisagem enquanto fenómeno de objetivação cultural: “a paisagem alentejana”, sentindo uma espécie de exaltação e reconhecendo-a como quase-sublime. Ao mesmo tempo faz notar que o exercício de objetivação é igualmente uma violência sobre a paisagem e por isso, uma consciência da paisagem é a consciência de uma «tragédia instalada nessa noção de paisagem». A cultura é, neste sentido, uma questão trágica.

Não sendo novo, este é um tópico do pessimismo desenvolvido no princípio do Séc. XX. Importa assim reconhecer que a cultura está alicerçada sob um pano de fundo trágico.

A cultura é hoje pressentida como um museu, o nosso olhar procede imediatamente à museificação da paisagem, onde os habitantes assomam como meros figurantes, e essa é uma tendência generalizada daqueles que trabalham na esfera da cultura, os «funcionários da cultura», que através do

«olhar cultural», museificam a realidade, num exercício da objetivação e, logo, de violência simbólica perante o outro.

O Ecomuseu, o museu de território, etc., representam essa tendência cristalizadora da paisagem. Sabemos também que o conceito de cultura é hoje semanticamente demasiado alargado e indiferenciado, a cultura tornou-se assim uma «coisa obesa, cancerígena», i.e., tudo é cultura, o que equivale a afirmar logicamente que nada é cultura. Neste ponto, recordou ainda que esta expansão polissémica da cultura a todos os domínios, provocou a proliferação de estratégias de defesa da cultura, das quais a «exceção cultural» (França⁷) é um paradigma na história cultural europeia do Séc XX.

Contudo, apesar desta “lógica da exceção”, é cada vez mais notório que a cultura é também ela, inequivocamente, uma mercadoria cultural, e é com esta ideia que hoje temos de lidar. Na origem da noção de «exceção cultural» estão patentes as críticas emanadas da Escola de Frankfurt, nomeadamente nas teses sobre a «indústria da cultura» de Adorno e Horkheimer, das quais ressalta o confronto com a homogeneização cultural resultante do surgimento de uma cultura de massas submetida às leis da economia, dando assim origem a uma «barbárie estética, à estetização do mundo e à culturalização generalizada».

António Guerreiro pretende assim chamar a atenção para o contexto em que funciona hoje o campo cultural, no qual todos participamos, um contexto de despolitização generalizada onde a cultura é assumida como instrumento político de consensualização social. Esta espécie de «má consciência em relação à cultura» e ao «desenvolvimento cultural», apesar de revelar que não estamos inocentes, deve ser transformada em consciência crítica.

Uma das aporias constitutivas desta problemática é aquela que nos situa perante o paradoxo de «ao estarmos a defender a cultura estamos simultaneamente a matá-la». A consensualização cultural surge assim onde antes existia a divisão política. O consenso cultural, enquanto paradigma consensualista, equivale ao triunfo da gestão económica e é um dos fatores de despolitização da sociedade. Deste modo e «em última instância não temos política mas apenas gestão». O «*homo culturalis*», uma nova “espécie humana” que hoje se serve da cultura como aparelho redutor de tensões, operando na normatividade democrática e pacificado pela redução cultural. Pacificados pela ideia de cultura, do património, da paisagem, e pela boa consciência cultural, amorfa e fluida, de acordo com a expressão marxista de que «tudo o que sólido se dissolve no ar», tal como acontece com a sublimação objetivada da paisagem.

Em suma, importa ter presente, quando se reflete em torno de questões como cultura, desenvolvimento e espaço público, uma auto-consciência crítica das aporias com que nos defrontamos e do nosso trabalho neste campo. O orador defendeu ainda, aludindo a um fragmento póstumo de Nietzsche, «Se a acreditarmos que a cultura tem uma utilidade, rapidamente confundiremos

7 Sobre a história da «exception culturelle», vide pf http://www.lemonde.fr/culture/article/2013/06/27/histoire-d-une-exception_3437990_3246.html

aquilo que é útil com a cultura», que a cultura deveria ser entendida como uma inutilidade do ponto de vista da racionalidade económica, caso contrário estará sempre dependente do que os relatórios e estudos sobre o valor da cultura designem como cultura, ou seja, a cultura economicamente viável.

Ana Paula Amendoeira posicionou o debate nas origens históricas e evolução da relação entre cultura e desenvolvimento, focando-se no tema da sua apresentação, intitulada «Cultura e desenvolvimento, *aggiornamento* de uma dupla imbatível?».

No período entre as duas guerras mundiais a UNESCO teve um papel fundamental na construção de uma mundividência cultural, a planetarização da noção de cultura, numa circunstância em que a cultura de massas americana ganha protagonismo e hegemonia sobre a cultura clássica europeia. As relações culturais tornam-se desde então um instrumento geopolítico, que vê a cultura como um meio para «conseguir a paz entre os homens» e a construção de uma nova civilização mundial baseada na cooperação entre os povos. À cultura no mundo pós-colonial, pedia-se então a inclusão das questões do património e da diversidade cultural das diversas regiões e povos que importava defender.

Neste contexto, em que a noção de património emerge vincadamente enquanto visão e política patrimonial americana, surge a moderna teoria da conservação que ganhou uma matriz consensual na «Carta de Veneza»⁸, a qual utiliza constantemente as noções de monumento e de monumento histórico. É sobre a influência direta dos Estados Unidos que a noção de património surge e se consolida no léxico ocidental e mundial.

A aplicação do plano Marshall em solo europeu facilitou uma determinada mundividência cultural influenciada pelo fordismo e aplicada a todas as dimensões da vida, bem como uma conceção de cultura ligada à livre circulação de ideias e informação. Posteriormente, as indústrias culturais de base hegemónica americana fomentaram a serialização e estandardização associadas à cultura de massas. Facto que, no quadro da UNESCO, demonstra o controlo das suas políticas culturais por parte das potências mundiais, designadamente dos E.U.A.

Quanto ao curso histórico da noção de desenvolvimento, o seu uso institucional é pela primeira vez referido pelo presidente Truman, em discurso de 1949, no advento da Guerra Fria e como afronta direta à influência do comunismo na Europa. Objetivamente, estas noções de modernização e desenvolvimento pretendiam a ocidentalização dos povos considerados sub-desenvolvidos, ignorando a sua cultura para além dos aspetos folclóricos. Neste quadro da aplicação de noção de desenvolvimento é claramente identificada uma nova ordem hierárquica que subjuga os países menos desenvolvidos aos seus modelos e padrões de consumo cultural. Assim as sociedades tradicionais deviam começar a ter maiores níveis de fruição de meios, equipamentos e

8 <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

conteúdos oriundos das indústrias culturais, designadamente mais consumo de cinema. A UNESCO adotou, sem debate, esta visão de desenvolvimento e modernização, dando origem à primeira década para o desenvolvimento nos anos 60. A partir dos anos 80 é dada ênfase ao “desenvolvimento cultural” no quadro da ONU/UNESCO mas alguns termos provenientes do fordismo continuam no entanto a ser aplicados na área da cultura e do património.

A noção de património mundial, por oposição de monumento histórico, é uma herança da visão americana tornada dominante enquanto política hegemónica favorecida pela cooperação internacional. Em 1965 é apresentada a proposta de criação do *World Heritage Trust*, que visava um fundo de salvaguarda e conservação do património mundial, nomeadamente dos países em vias de desenvolvimento, o que levaria posteriormente à expansão de um mercado turístico ao nível internacional.

O *Aggiornamento* sucessivo da noção de desenvolvimento passa mais recentemente pelo Clube de Roma e pelo relatório *Brundtland*⁹, a fórmula mágica do desenvolvimento sustentável que juntamente com a cultura seria a panaceia ideal para os problemas da dominação capitalista. Assim, se «o desenvolvimento for social, cultural, sustentável, durável...tudo muda e os nossos corações descansam», por isso a dupla imbatível cultura e desenvolvimento é integrada pelas indústrias criativas, onde as dimensões económicas da cultura e as dimensões culturais da economia fecham um círculo perfeito. Curiosamente, o pensamento crítico nunca faz parte das premissas destas noções de desenvolvimento e modernização, como se não houvesse conflito e outras maneiras de pensar. Contudo, a dimensão crítica da cultura é importante nas sociedades atuais como pode ser observado no episódio protagonizado pelo maestro Riccardo Muti na apresentação da ópera *Nabuco*, fazendo um breve discurso crítico contra os cortes na cultura, em presença do primeiro ministro italiano Berlusconi.

9 http://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Brundtland

PAINEL 2

CULTURA E ESPAÇO PÚBLICO

COMENTÁRIO O tema deste painel permitiu que as três intervenções se complementassem nos diversos níveis de entendimento de um ideal de vida urbana. Se o espaço público é sustentado por uma infraestrutura material e histórica, coincidindo com a

própria construção da cidade ao longo dos tempos, a esse nível material será hoje necessário acrescentar uma nova camada, mais etérea e difundida pelas novas tecnologias de comunicação, a qual constitui a esfera pública comunicacional.

Um dos aspetos comuns neste painel é o facto de se considerar o espaço público enquanto espaço próprio para a expressão do agonismo político e do confronto de ideias. Nesse sentido corrobora-se a visão de Jürgen Habermas, a de que o senso comum deve produzido pela via do debate das mundividências e não por qualquer consenso estético ou político previamente imposto sobre a esfera pública. Ora, como a cidade e o espaço público são protagonizados e constituídos pelas mais diversas intervenções em cada época, hoje é indispensável que nas suas condições de efetividade se defenda e promova a diversidade cívica e cultural, bem como a igualdade de acesso aos recursos comuns, designadamente às capacitações simbólicas e cognitivas disponíveis. Só desse modo se poderá almejar que as práticas culturais dos cidadãos se desenvolvam e inscrevam de acordo com as necessidades e os interesses de cada grupo social.

No entanto, não podemos ignorar que existe ainda o fator poder(es) e que este, sob a forma de governação pública municipal, tem tido tendência para a sua concentração¹, em vez de, como será necessário acontecer, se tornar mais distribuído pelos diversos tipos de atores locais, garantindo assim um poder local relacional. Apesar de não ter sido explicitamente referido pelos intervenientes neste painel, está contudo implícita a importância das redes sociais e das redes tecnológicas no conjunto das práticas urbanas possíveis.

A urgência pela renovação ou re-invenção do espaço público faz-se sentir em muitas das nossas médias e pequenas cidades, porque é nestas que de facto a proximidade e o sentido de presença se tornam mais evidentes. Contudo essa tarefa reveste-se hoje de uma complexidade sem precedentes e na confluência de diversas crises que assolam não apenas a cidade mas as

1 Vide por exemplo a noção de “cesarismo” (poder absoluto do Presidente de Câmara) veiculada pelo sociólogo Juan Mozzicafreddo.

escalas geográficas mais amplas como os Estados e as regiões transnacionais. Quando nos perguntamos por onde começar a agir em prol da transformação das condições sociais (culturais, políticas, económicas,...), designadamente no sentido do “direito à cidade”² (a fazer cidades) e à cultura (a produzir culturas) – sempre no plural – lembremo-nos do que o urbanista Henri Lefebvre sugeria: «Trata-se, em primeiro lugar, de desfazer as estratégias e ideologias dominantes na sociedade atual».

SÍNTESE DAS CONFERÊNCIAS O segundo painel foi moderado por **Celestino David** (Presidente do Grupo Pró-Évora), e nele participaram **Fernando Pinto** (Arquiteto): “Espaço público – uma base dinâmica de cidadania”; **Aurelindo Ceia** (Designer): “Dimensão política do design no desenho do espaço público” e **Frederico Pompeu da Silva** (Designer e Ilustrador): “A inscrição do cidadão no meio urbano – perspetivas sobre o projeto em design”.

Fernando Pinto começou por afirmar que no princípio do urbanismo e da construção das cidades esteve o cruzamento de estradas, que levou posteriormente ao debate de ideias e subsequentemente à noção de cidade. A primeira estrutura de cidade foi a configuração romana dos assentamentos militares, principalmente pela sua figuração geométrica em malha, dividida entre o *Decumanos* e o *Cardo*. Essa figuração pode ser observada ainda hoje na Baixa Pombalina de Lisboa. Um dos pontos mais importantes destas estruturas urbanas são as praças públicas e os *rocios* (terrenos do povo), as quais são herdeiras da ideia de *Agora* grega e do *Fórum* romano, ou seja, lugares de liberdade de expressão, fóruns de cidadania e de democracia, e por isso eram sempre localizados nos centros das cidades, pois a rua é o local privilegiado de expressão da liberdade e de exercício da cidadania. Isso não implica que os centros não sejam transferidos de lugar ao longo dos tempos. No caso de Évora isso é evidente: desde o *Templo Romano* passando pela *Praça do Giraldo* e pelo *Rossio de São Brás*, o centro foi descendo na própria altitude da urbe. O *Rossio* é por definição, «o espaço do povo de uma cidade, mas a maioria das cidades já exterminou os seus *rocios*, na voragem de utilização privada de zonas de excelência ou no desvario da utilização simbólica desses mesmos espaços.

Hoje, vemos que a cidade planeada, quando cede aos interesses particulares ou privados, perde os seus espaços de convívio, de cultura e com eles a dinâmica que os mesmos imprimem à cidade. No limite «empala-se a cidade e decreta-se a sua morte a prazo». Os *Speaker's Corner*, inspirados na experiência Inglesa, são locais onde os cidadãos se juntam para exercer o direito de liberdade de expressão e o exercício da cidadania. Neste sentido, a «conquista

2 «O direito à cidade não é simplesmente o direito ao que já existe na cidade, mas o direito de transformar a cidade em algo radicalmente diferente. Quando eu olho para a história, vejo que as cidades foram regidas pelo capital, mais que pelas pessoas. Assim, nessa luta pelo direito à cidade haverá também uma luta contra o capital.» (David Harvey)

da rua» é uma das conquistas mais importantes da “revolução dos cravos”. Não apenas a rua no sentido literal, onde por exemplo se dão as manifestações, mas também das paredes enquanto veículos de expressão pública, designadamente os murais com mensagens politizadas.

Em suma, a rua - o espaço público - é o paradigma da liberdade, da democracia e da cidadania. Contudo, a rua não é apenas um espaço pacífico, é igualmente um espaço da sobrevivência e do confronto com os poderes. Aliás, há hoje diversos exemplos de como esse confronto com as forças policiais degenera em violência sobre os cidadãos, seja em Portugal, no Brasil ou na praça Tahir no Cairo. É preciso ter em atenção que estes espaços podem ser sonegados aos cidadãos de várias maneiras. Uma é manietando quem pretende utilizar a rua, outra é ocupando o espaço de tal maneira que só resta espaço para os automóveis. De qualquer modo, não podemos perder a noção essencial de que o cidadão é aquele que tem direito à cidade, direito de exercer a cidadania, devendo as administrações públicas favorecer a fruição pública e facilitar o dinamismo das diversas possibilidades de utilização dos espaços públicos que «são a essência primeira, a base mais dinâmica da cidadania e enquanto tal, da identidade e da cultura de um povo».

Aurelindo Ceia abriu a sua intervenção com uma alusão à tensão do escritor face à página em branco, que no caso «da poesia, da música, da pintura é o silêncio – mas não no design ou na arquitectura. A página em branco do design e da arquitectura é a cidade e a cidade é o contrário do silêncio». Querendo com isto dizer que qualquer intervenção material (design urbano, arquitectura,...) ou imaterial e simbólica (cultura, política, comunicação,...) tem de partir do previamente existente e com a informação histórica e a memória social disponível até ao momento. Existem assim duas dimensões fundamentais a ter em consideração no “fazer cidade”, pois «quando os usos suscitados por um determinado desenho da cidade envolvem apenas uma utilidade prática, conduzem, rapidamente, à indiferença e à banalização. É preciso considerar em paralelo um fundo afetivo, isto é, a valorização da utilidade simbólica». Ainda assim, em múltiplas situações é possível observar «um excesso de “arquitecturite” pretenciosa, (...) e no design pós-moderno um excesso de “estetização” deslocada, que desvia o design do seu verdadeiro campo de expressão artística – aquele em que a estética é consequência da adequação social dos artefactos e não da artificialização das formas».

O espaço público (das cidades) encontra-se saturado de uma compulsão ornamental e de uma padronização dos comportamentos que os diversos poderes assumem, como modo de condicionar o quotidiano, o desejo e a liberdade. Na esfera pública (da comunicação) atual, a Internet dá forma a uma “aldeia global” que «parece ampliar o espaço de liberdade e de afirmação, mas que acaba, isso sim, por limitar e codificar a liberdade de expressão e a pluralidade do pensamento, instalando uma espécie de uniformidade planetária».

O design capaz de pensar a cultura e o espaço público é aquele que baseia a sua prática nas várias dimensões da sustentabilidade: económica, ambiental, social e afetiva, e que sabe valorizar o processo e não apenas o objeto, em suma,

um design político. Mas na nossa contemporaneidade, o que é afinal pedido ao design? Mais uma vez, «que se porte bem, não faça perguntas, dê apenas respostas aonde lhe pedem, que seja cosmético e indutor de felicidade». O design confronta-se assim, quando se trata de pensar e desenhar a cidade, com uma «ideologia dominante baseada no conceito de “felicidade” efémera e cujos processos não cessam de se desenvolver». Onde fica então a «dimensão política do design no desenho do espaço público»? Em primeiro lugar, fica na crítica do *status quo atual*, mas também assumindo, a par da dimensão política, a sua «expressão como poética da forma e da função, a sua dimensão ética e a necessidade da investigação – quer dizer, o design como arte, vinculado a uma programação e a um escrutínio social. É pois possível valorizar a importância da comunicação visual, «sem o fazer sobre as ruínas da palavra, mas tendo consciência que a imagem se substitui, de modo muitas vezes brutal, à própria realidade que regista».

Aurelindo Ceia defende assim que, num contexto de diluição e globalização cultural, se deve valorizar o “local” (à maneira de Miguel Torga, que dizia: “o universal é o local alargado”). O que significa não desvalorizar as potencialidades de uma linguagem universal, mas reconhecendo e comunicando a pluralidade de identidades. Importa por isso identificar o modo de concretizar as formas que expressam os valores e o poder da democracia real. Assim, quando falamos em «políticas culturais transformadoras» teremos que incluir a necessidade de valorização de um pensamento humanista que perceba que o sentido da transformação não pode ser subjugado pela atual hegemonia da “inovação”. Mas sim, é preciso incluir o económico e o mercado na equação, mas como «resposta às necessidades reais das pessoas e não como um fim que apenas trata da acumulação de tecnologia e de capital nas mãos das oligarquias financeiras».

Frederico Pompeu da Silva baseou a apresentação na sua dissertação de mestrado em Design, concretamente através de um projeto desenvolvido sobre a cidade de Guimarães no âmbito das Capital da Cultura (2012). Uma citação de Joseph Weizenbaum informa-nos que as máquinas desenvolvidas e utilizadas pela humanidade dizem muito sobre ela, ou seja «ao encarar as suas criações o Homem confronta-se com ele mesmo e com o mundo tal como o percebe. Determinadas descobertas mudaram definitivamente a forma do Homem encarar o Mundo. Houve um distanciamento progressivo das regras e ritmos naturais, culminando hoje na construção de espaços onde os fluxos são decididos e projetados pelo homem: as cidades».

Mais do que definir a cidade pelo seu aspeto físico: vias, limites, bairros, cruzamentos e pontos marcantes (segundo a abordagem de Kevin Lynch), interessa aqui «pensar a cidade pelos seus fluxos e pela identidade e pelas memórias dos seus próprios habitantes, que nela se espelham». Neste contexto, a praça é extremamente importante, enquanto suporte de cruzamento das diversas identidades que habitam a cidade. Será por isso necessário conceber a cidade como «um potenciador de interações que está permanentemente em tensão». Mas a cidade é também, segundo Roland Barthes, uma escrita onde os cidadãos ou transeuntes se comportam como operadores semióticos.

As cidades, nesta sociedade líquida de valores difusos, não está pois sujeita a um pensamento único, nem a uma moral prevalecente. As cidades são doravante resultado da sobreposição de memórias, reaproveitamentos e adaptações dos elementos materiais e «esta fluidez traduz-se na difusão de fronteiras e na proliferação das culturas que lhes são inerentes. Estas misturam-se, influenciando-se mutuamente, dando aparentemente origem a um processo de homogeneização cujo principal risco é a descaracterização dos espaços». A cultura pode ser entendida como um conjunto de modos de fazer e proceder (rituais) compreensíveis em função das situações e consoante as exigências colocadas pelas diversas estratégias sociais concretas. Portanto, nas cidades contemporâneas, para além das memórias e das representações, existem igualmente as mais variadas expressões culturais.

A globalização não é apenas um fenómeno homogeneizador «que mais do que nivelar toda a sociedade, parece oferecer uma base de dados comum a todos os que são abrangidos por ela, apresentando novas oportunidades e possibilidades». O facto de estar associado a uma componente essencialmente económica vem no entanto comprometer as suas potencialidades, subvertendo e manipulando as massas que se encontram já à partida num estado de desorientação que é agravado pelo excesso de oferta existente. E é esta lógica económica da competitividade territorial que hoje mais se impõe, dando assim azo à forte presença do *branding* cujo efeito é a produção de uma «identidade forjada na qual os seus cidadãos não se revêm, apesar deste modelo ter origem no hiperindividualismo que é reforçado pelos poderes económicos». Este desfazamento, entre uma identidade construída pelo marketing e a cidade tal qual ela é, pode ser tão efetivo quanto o é no designado «síndrome de Paris»³, efeito que atua principalmente nos turistas asiáticos, os quais se confrontam com estados de fadiga e má disposição devido à discrepância entre a imagem turística e a vivência concreta de Paris.

Temos assim uma cidade bipolar. Por um lado a cidade afetada pela globalização e pelo capitalismo financeiro, com as suas demandas anti-Estado-social; e por outro, um hiperindividualismo social, passe a contradição, facilitado pelas tecnologias relacionais (os novos media) e promotor de uma certa noção de comunidade baseada na ideia de “inteligência coletiva”, que procura materializar-se ao mesmo tempo que se afirma no ciberespaço de um mundo virtual.

Apesar da tendência hipertecnológica do uso do espaço público virtual, assistimos igualmente a um aprofundamento do ativismo no espaço público, visível em alguma da *street art* ou em ações como o *guerrilla gardening*³, e que visam operacionalizar táticas coletivas de interferência urbana. Quando existem novas possibilidades como os espaços virtuais ou os centros comerciais e quando as vidas pessoais e profissionais estão em constante pressão e escassez de tempo, como fazer com que as pessoas usem os espaços públicos convencionais (as praças, ruas, ...) como lugares de maior interação, e assim possa ocorrer a inscrição do cidadão no meio urbano?

3 <http://www.guerrillagardening.org>

PAINEL 3

CULTURA & TERRITÓRIO

COMENTÁRIO Os três intervenientes neste painel convergiram muito vincadamente na dialética que nos parece central na problemática dos Centros Históricos. Por um lado, temos um progressivo processo de êxodo ao longo das últimas décadas;

quer as pessoas quer as atividades abandonam os Centros Históricos e passam a residir em peri-urbanizações, deixando assim devolutos inúmeros imóveis que constituem uma oportunidade para novas funções e utilizações – estes imóveis estão já cartografados pelos serviços municipais. Por outro lado, uma miríade “invisível” de coletivos e grupos sociais necessita de espaços de criação, investigação e mostra das suas atividades artísticas, culturais, científicas, filosóficas, literárias, críticas, especulativas, etc.

Estamos assim perante um efeito de “mercado” ideal; existe oferta de espaços devolutos (oportunidades) e existe procura (necessidades culturais), contudo falta colocar a funcionar um mecanismo pro-ativo e assertivo que permita que o valor de troca das oportunidades (devolutos) e o valor de uso das culturas possam convergir, e transformar-se numa dinâmica urbana sustentável e consistente. Esse mecanismo já existe porém em funcionamento em algumas cidades europeias e tem sido utilizado sob diversos formatos. A sua peça central é a função facilitadora e mediadora entre proprietários e proponentes e esta pode e deve ser estabelecida através de um serviço público municipal (gabinete, divisão de urbanismo, divisão de cultura,..) ou de um “consórcio” que inclua também as organizações locais e os proprietários. Os processos de facilitação, mediação e apoio à instalação de projetos culturais (*lato sensu*), desde que sejam implementados de forma transparente e democrática, respeitando a diversidade de interesses e de agentes, pode revelar-se como parte da solução que resolve parte da problemática dos Centros Históricos. Afinal, não nos iludamos sobre isso, a cultura não é a panaceia universal para os problemas das sociedades contemporâneas.

SÍNTESE DAS CONFERÊNCIAS O terceiro painel foi moderado por **Luís Cavaco** (Director Geral da ADRAL - Agência de Desenvolvimento Regional do Alentejo) e teve as intervenções de **Eduardo Miranda** (Arquiteto): “Centros Históricos - Edifícios, Vivências e Perspetivas”; **Jorge**

Silva (Arquiteto): “O valor dos novos espaços permeáveis à intervenção cultural”; **Margarida Cancela d’Abreu** (Arquiteta Paisagista): “Urbanismo como motor de cultura e desenvolvimento” e **Cláudio Torres** (Arqueólogo)¹.

Margarida Cancela d’Abreu iniciou a sua comunicação com um conceito alargado de cultura e desenvolvimento, referindo genericamente como a ocupação urbana deve ser concretizada, pela positiva, e quais são os espaços com aptidão própria. Assim, a montante do urbanismo deve considerar-se um ordenamento do território «cuidadoso que equacione estas questões de forma integrada, selecionando os espaços mais adequados às funções urbanas – mais confortáveis, mais baratos, mais agradáveis». E é também necessário ter em consideração que há espaços que não devem ser sujeitos à ocupação urbana (espaços com funções agrícolas, ecológicas, patrimoniais e recreativas). No que diz respeito ao urbanismo, a sua qualidade depende em grande medida da qualificação e capacitação cultural dos cidadãos, pois o “fazer cidade” é em si um modo de agir cultural e tecnicamente informado. Deste modo, o urbanismo, ao contrário do ordenamento, não deverá ser «centralizado e impositivo, mas muito mais local e participado; o urbanismo tem um enorme poder e uma forte responsabilidade na garantia de questões relevantes para a cultura e desenvolvimento, como a inclusão, a coesão social, o acesso, o convívio e partilha de diferentes grupos sociais e etários».

Neste contexto, alguns alertas foram identificados: por um lado a necessidade de assegurar espaços multifuncionais – evitando assim segregações sociais e funcionais -, mas também espaços sem funções estritamente definidas, flexíveis, abertos à criatividade e à apropriação plural por cidadãos interessados. Outro alerta prende-se com a necessidade de impedir que espaços tradicionalmente abertos, de livre uso público, sejam apropriados por privados para usos geralmente comerciais. Em qualquer dos casos, é cada vez mais imperiosa a participação dos residentes ou utentes na elaboração dos planos de urbanização e de pormenor. Mas, para que tal aconteça, as autarquias devem reformular o modo como apresentam e discutem publicamente os projetos, devendo optar por novas formas de visualização e comunicação mais eficazes.

Do ponto de vista da qualidade ambiental urbana, a arquiteta paisagista defende a importância fulcral das linhas de água na cidade. Outros fatores que proporcionam o bem estar das populações - aquilo que Jan Ghel chama *livability* - podem ser tão diversos quanto: «o sentir-se saudável, física e psiquicamente, o prazer sensorial, o conforto (pureza atmosférica, boa exposição, limpeza, silêncio, espaço disponível e facilidade de transportes), a segurança, o sentimento de realização, a variedade de situações, a liberdade de opções, o equilíbrio entre privacidade e convívio/sociabilidade, os horizontes e vistas».

¹ A intervenção pública do arqueólogo Cláudio Torres foi integrada no Painel 1 (ver registo vídeo) por motivos de agenda, contudo a síntese da sua intervenção foi integrada no Painel 3 devido à sua temática estar diretamente relacionada.

A dimensão cultural do espaço público na sua animação esporádica com atividades culturais, recreativas, didáticas ou criativas, para o prazer e para o enriquecimento da vida, são hoje essenciais quando se considera que «o Homem só é completamente humano quando brinca ou joga, quando a sua ação é a expressão de liberdade, é a expressão de si próprio. O uso criativo do tempo de lazer, sem condicionantes, é uma oportunidade de crescer, experimentar, desenvolver capacidades intrínsecas ou simplesmente fruição dos sentidos. Sobretudo sem que nos digam o que fazer nas horas de lazer».

Em resposta a uma pergunta do público acerca das políticas de ordenamento do território, a oradora assegura que Portugal tem das melhores leis europeias de urbanismo, o problema é que estas acumulam igualmente muitas brechas e exceções, as quais vêm permitindo que as autarquias sofram imensas pressões do sector imobiliário, com as consequências negativas que se conhece no terreno.

Jorge Silva começou por reforçar a necessidade de pontos de água no espaço público, mas lamentou que, durante a sua larga experiência profissional, muitos dos seus próprios projetos públicos relacionados com água fiquem depois sem funcionar e secos. É para o arquiteto um mistério para o qual não encontrou ainda explicação. Depois abordou a relação entre o ordenamento do território e as dinâmicas culturais urbanas, designadamente as que se desenvolvem nos centros históricos.

Há uma visão e aplicação tradicional das políticas de ordenamento do território que pretende ser determinante na localização de espaços destinados à atividade cultural. Mas, pelo contrário, é próprio da natureza da cultura que «tal relação mecanicista não se verifique, pois são múltiplos os fatores que dinamizam a vida social das comunidades que habitam as cidades e que consequentemente determinam a vida cultural destas». Muito mais do que ser o ordenamento a determinar os espaços culturais, são antes as dinâmicas socioculturais e criativas que irrompem na cidade. Por isso, a «visão institucional de que é o ordenamento a determinar a sua existência é empobrecedora e irrealista». Ainda assim, é forçoso entender que nem sempre é este o caso, uma vez que existem projetos de equipamentos institucionais que exigem uma estratégia administrativa e a consequente realização prévia de planos para os mesmos, pense-se no caso dos grandes equipamentos culturais como o museu Gugenheim, em Bilbao.

Existem portanto duas vias na relação entre cultura e ordenamento, uma de baixo-para-cima, mais usual devido às dinâmicas socioculturais das cidades; e uma de cima-para-baixo, muito rara na vida do território - são exceções irrepetíveis no curto prazo - que dependem normalmente de imposições políticas ou económicas sobre o território. Ainda que a abordagem de proximidade, em sintonia com as necessidades quotidianas da cidade e da pluralidade dos cidadãos tenha todo o sentido, quer do ponto de vista cultural quer do ordenamento, não têm sido efetivamente «determinantes no entrelaçar do ordenamento territorial com a expressão cultural».

Nas últimas décadas, os ritmos de convivência e os padrões de consumo modificaram de forma determinante a vida urbana, retirando dos centros das cidades para as periferias funções de troca comercial e de interação sociocultural. Este esvaziamento dos centros urbanos revela-se problemático para a cultura, pois as «iniciativas de natureza cultural convivem mal com a redução da teia de cruzamentos interativos com outras atividades». Como contrariar esta tendência de desertificação dos centros das cidades? Uma das possibilidades, já anteriormente referida, é a que preconiza uma «abordagem de proximidade», escutando e agindo em sintonia com as necessidades quotidianas da cidade e da pluralidade dos cidadãos.

Por mais paradoxal que possa parecer, no horizonte de constrangimentos em que vivemos, existem hoje novos interesses culturais, artísticos, científicos e criativos nos jovens e nos menos jovens, basta escutar e auscultar o quotidiano nas suas múltiplas identidades, interesses e nichos. O potencial das apropriações informais e efémeras dos imóveis devolutos é enorme. Mas hoje estas ocupações só são viáveis quando consentidas pelos proprietários. Ora, esse consentimento pode ser obtido «por via de uma gestão assertiva da reabilitação urbana. E os tecidos urbanos muito beneficiariam com a generalização de reutilização renovada mesmo que provisória de lojas, armazéns ou habitações abandonados²». A noção de rede é fundamental para a prossecução deste objetivo concernente com a vitalidade urbana. Em qualquer espaço e a qualquer momento pode acontecer a intervenção «que será tanto mais consequente quanto maior for a integração de saberes, de moradores, de proprietários e promotores, de atores, de participantes, e quanto mais longa maior for a sua continuidade enquanto processo».

Eduardo Miranda tratou inicialmente de apresentar um diagnóstico evolutivo dos Centros Históricos em geral, salientando o seu progressivo esvaziamento bem como as diferentes problemáticas a que se encontram sujeitos, designadamente por serem zonas patrimoniais salvaguardadas na lei e pela dificuldade de adaptação às exigências da vida contemporânea. Ainda assim, os Centros Históricos podem permanecer como centros funcionais das cidades e manter centralidade cultural e simbólica, uma vez que essa possibilidade advém da sua vocação - de acolhimento da atividade cultural - ao longo da história. Neste caso, a gestão urbanística da cidade tem de ter como objetivo principal a manutenção da multifuncionalidade e para isso, a manutenção de residentes é fundamental para o equilíbrio e vitalidade dos Centros Históricos e para a manutenção de outras funções. Existe na morfologia urbana dos Centros Históricos determinadas características que favorecem o acolhimento de atividades culturais, tais como: «compactidade da cidade antiga, contiguidade dos edifícios; hierarquia clara dos espaços públicos e diferenciação dos espaços privados; riqueza espacial, heterogeneidade do edificado, da relação

2 Jorge Silva deu alguns exemplos de websites sobre re-utilização de imóveis devolutos: <http://www.tretas.org/PrediosDevolutosLisboa> ; <http://resdochao.org>

cheios-vazios; mistura funcional e intensidade de vivência dos espaços públicos; espaços de encontro e sociabilidade».

Quanto à cidade de Évora, nas últimas duas décadas a estrutura funcional da cidade complexificou-se, o comércio e os serviços «disseminaram-se na área urbana e a mistura funcional é hoje patente em diversos setores urbanos extramuros. A distribuição do comércio e dos serviços é hoje marcada pela complementaridade centro-periferia». Eduardo Miranda, na sua comunicação apresentou diversos dados e informação estatística relevantes para o conhecimento urbano atualizado, nomeadamente a demografia da cidade, onde a população residente intramuros era de 4738 (em 2011), o que constitui pouco mais de 11% da população da área urbana. No Centro Histórico são hoje patentes duas tendências de fundo negativas: a diminuição da população residente e a diminuição dos estabelecimentos comerciais e de serviços, das funções centrais.

Outra das componentes da informação revelada acentua a perceção da subutilização do edificado, o que significa que há «espaços de oportunidades»³ e a necessidade global de as aproveitar, como referia o arquiteto Jorge Silva, para novas utilizações, mais provisórias ou mais definitivas, destes imóveis. Uma das medidas administrativas em vigor é o *Plano de Gestão do Centro Histórico de Évora* (2009), o qual incorpora vários objetivos específicos, tais como: «salvaguarda e valorização do património arquitetónico e arqueológico; manutenção e promoção da plurifuncionalidade da cidade tradicional, de acordo com uma estratégia de revitalização; manutenção e atração de residentes para o Centro Histórico; manutenção dos serviços públicos existentes (administração e equipamentos), evitando a sua deslocalização do Centro Histórico; valorização e modernização do comércio tradicional; enquadramento do desenvolvimento e qualificação das instalações universitárias no Centro Histórico; desenvolvimento e modernização do conjunto de redes de equipamentos públicos e infraestruturas». O arquiteto da câmara municipal revelou ainda, a título de exemplo de programa funcional, as «Orientações Programáticas para a Conceção do Centro das Artes».

Cláudio Torres começou por falar da sua experiência arqueológica, iniciada há mais de trinta anos, em Mértola. Numa primeira fase, as intervenções neste concelho foram em torno da arte sacra, numa tentativa de salvar o património da estatuária popular, principalmente do Séc. XVIII. No desenrolar destas primeiras ações de conservação e restauro conseguiu juntar espólio para um museu e ter uma equipa a trabalhar com técnicas sustentáveis. O trabalho continuou com a recuperação de capelas, e assim paulatinamente foi-se abordando o património e o território, primeiro através da arte religiosa e só depois pela arqueologia.

3 «Espaços de oportunidade: Edifícios públicos e privados, devolutos ou subutilizados; Monumentos e edifícios nobres; Edifícios correntes devolutos ou semi-ocupados; Antigos armazéns; Espaços abertos.»

A arqueologia, sublinha o orador, é uma espécie de história diferente, que não é escrita, mas onde os vestígios da civilização constituem uma informação importante. Uma das vantagens da arqueologia é dar-nos acesso à dimensão material do passado, ao seu legado patrimonial e à cultura agrícola do território onde, por exemplo, é possível distinguir diversos tipos de agricultura nas pequenas propriedades dos antigos povoamentos da serra alentejana. Um dos vestígios mais importantes na prospeção arqueológica, enquanto indicador da existência de um povoado é o poço, pois «se encontrarmos o poço encontramos o povoado». E, desse modo, vai-se desenvolvendo a escavação até se encontrar a estrutura das hortas, dos cultivos e, conseqüentemente, dos principais constituintes da alimentação tardo-medieval.

Nestes territórios facilmente percebemos que a paisagem é uma constante intervenção humana, que move pedras, redireciona ribeiros, revolve a terra fértil, etc. São essas técnicas antigas de saber-fazer que devemos conhecer e reconhecer, pois são hoje um conhecimento fulcral na relação com a terra e a agricultura. Um dos resultados das investigações arqueológicas em Mértola é ter-se chegado à conclusão que a civilização autóctone deste território é a civilização dita Mediterrânica e Berbere. Estas foram aquelas que mais tempo habitaram (e ainda habitam) o sul da península e o norte de África. Tunísia, Argélia e Marrocos formam com Mértola uma rede que estuda hoje os povos berberes e as culturas do sul.

Hoje em dia, Mértola sofre com a diminuição da densidade demográfica devido ao êxodo das populações, e nesta situação há que encontrar formas de fixar e trazer novas pessoas. E a investigação científica pode contribuir para isso. O 25 de Abril foi importante nesta zona, pois permitiu a atualização de um certo municipalismo, de algo que afinal já existia há séculos e como se sabe foi decisivo para a organização política, identitária e administrativa de Portugal e da Península Ibérica. No entanto, é notório que hoje em dia o municipalismo está a ser atacado pelo centralismo, pelas exigências do controlo burocrático e com isso perde-se uma certa noção de território decisiva para a identificação dos habitantes. Contudo, é essa identificação coletiva territorial que fundamenta uma ideia de património cultural e que deve ser restituída à contemporaneidade.

PAINEL 4

EXPERIÊNCIAS DE INTERVENÇÃO CULTURAL

COMENTÁRIO Este painel revela que existem de facto motivações individuais para a metamorfose necessária no campo cultural. Todos os intervenientes evidenciaram esse impulso. Contudo, o atual contexto da sociedade portuguesa - diagnosti-

cado como atomizado e sem massa crítica - parece não favorecer a emergência de um padrão de rede sustentado. Padrão esse que se situará ao nível da gestão coletiva dos recursos e bens comuns e que se configura como condição necessária à eclosão do “efeito borboleta”, i.e., um efeito de contágio da necessidade política de a cidade (município) reformular criticamente a sua dimensão cultural como eixo integrante de uma visão de desenvolvimento (humano) sustentável.

Na prática e no confronto com um sistema que demonstra ser incapaz de tratar os seus problemas vitais, só a concertação pública e política entre agentes e atores culturais, educativos, económicos, sociais, científicos, artísticos e tecnológicos, poderá mobilizar a expressão e o poder de uma *vox publica* capacitada e motivada para defender uma outra visão de futuro. Isto significa que só reintegrando a dimensão comum (política) de forma radical, ou seja, fazendo a crítica desde a raiz dos problemas, se poderá redefinir uma política cultural que vise a transformação das condições inerentes às práticas e vivências culturais.

De um modo geral, equivale a dizer que sem políticas públicas de cultura construídas coletivamente, não haverá práticas culturais que correspondam às expectativas e necessidades de capacitação e empoderamento dos cidadãos. Não significa isto - muito pelo contrário- que o plano retórico da política, do debate e da produção de documentos estratégicos seja suficiente. Neste, como noutros sectores das políticas públicas, urge que sejam articulados os recursos públicos em prol de um sistemático e regular direito à participação na construção das políticas comuns, mas também à criação, produção e fruição dos bens simbólicos.

É no entanto claro, que esta exigência na distribuição do poder (poder relacional) se confronta hoje com tendências opostas, designadamente o fascínio que o poder local tem pela espetacularização competitiva dos territórios, mobilizando parte das energias da sociedade civil para um lugar passivo de consumo, numa lógica de entretenimento e identificação acrítica, não favorecendo

assim uma lógica de capacitação para a intervenção criticamente refletida no tecido social. Mas, se atendermos ao princípio da soberania popular e constitucional, podemos almejar que havendo espaços e processos de participação dos cidadãos na vida da sua cidade, bem como a sua articulação em rede, maior será a probabilidade de se constituírem propostas concretas e efetivas de transformação das políticas culturais¹.

SÍNTESE DAS CONFERÊNCIAS Este painel teve como moderador **Rui Matoso** (Gestor e programador cultural); e foi constituído pelas seguintes entidades e respetivos intervenientes: *Fundação Eugénio de Almeida* – **Maria do Céu Ramos** (Secretária Geral da FEA); *Centro Hércules* -Universidade de Évora – **Cristina Dias** (Diretora-adjunta); *Sociedade Harmonia Eborensis* – **Miguel Pedro** (Vogal da Direção); *Centro Dramático de Évora* – **José Russo** (Diretor do CENDREV); *Espaço do Tempo* – **Rui Horta** (Diretor Artístico).

Maria do Céu Ramos fez uma apresentação institucional da *Fundação Eugénio de Almeida*² e referiu a estratégia de longo prazo da fundação na relação com o município de Évora e com a região na qual se inscreve.

As fundações privadas, no seu entendimento, só podem exercer as suas missões numa perspetiva de sustentabilidade económica, de forma independente, com autonomia, mas com espírito colaborativo e em parceria. A missão da fundação é desenvolver a região de Évora, não apenas na dimensão cultural, mas também social, educativa e espiritual. A área cultural é, contudo, uma das áreas de excelência de ação da fundação. A fundação, através de uma ação gradualista e implantada na realidade, tem por objetivo gerar «impactos transformadores positivos» e isso é realizado através de parcerias constituídas em redes multipolares.

A história da fundação, desde 1963, passou por períodos conturbados nomeadamente entre 1974-75 onde viu as suas propriedades ocupadas, tendo conseguido posteriormente reaver o seu património e reconstituir-se economicamente. O *Fórum Eugénio de Almeida* é o novo espaço da fundação criado em 2001. Desde então a fundação tem desenvolvido uma intensa programação cultural, resultante de parcerias com instituições de referência nacional e internacional, organizando exposições de artistas renomeados, conferências, debates, entre outras atividades de cariz artístico e sociocultural. Posteriormente foi adquirido o *Palácio da Inquisição*, onde foi instituído o novo *Fórum Eugénio de Almeida* inaugurado a 13 Julho de 2013.

Um dos eixos de intervenção da fundação é no campo do património cultural, do qual salientou a realização do inventário sistemático da arquidiocese de Évora, das obras de arte sacra (pintura, escultura, altares, ourivesaria...),

¹ Sobre esta temática poderão ser consultados outras reflexões e ensaios, em <https://grupolusofona.academia.edu/ruimatoso>.

² www.fundacaoeugenioidealmeida.pt

tendo sido identificadas 24331 peças em 24 concelhos e 158 paróquias, inventário este que agora termina após dez anos de trabalho. Numa segunda intervenção, a título pessoal, diagnosticou criticamente a existência de um Estado pequeno e fraco como reflexo de uma sociedade civil também ela fraca. Uma sociedade que produz apenas espetadores e seres passivos incapazes de reflexão crítica e inscrição de ordem estética e ética.

Cristina Dias fez uma resenha do *Laboratório Hércules*³ – laboratório da Universidade de Évora -, localizado no Palácio do Vimioso, desde finais de 2009. É um laboratório interdisciplinar, que envolve pessoas das ciências e das humanidades.

A filosofia do laboratório, no que respeita à análise de obras de arte, tem como ponto de partida uma pergunta (ou mais), oriunda da arqueologia, da história ou da história de arte. O que o laboratório faz é investigar a materialidade dos objetos culturais, procurando responder a essa pergunta. Segundo a oradora, este laboratório é uma das melhores instituições do género ao nível europeu, pois é das que está melhor equipada para o tipo de técnicas analíticas (reflectografia, difração, infra-vermelhos,...), estando já investidos cerca de quatro milhões de euros em equipamentos. Além das análises laboratoriais de obras de arte, o *Laboratório Hércules* tem tido um papel de proximidade com as mais diversas instituições que trabalham no sector do património cultural, colaborando nos processos de conservação e restauro *in loco*, promovendo assim a sua fruição pelas populações e devolvendo o património à sociedade.

Chamou a atenção para a necessidade de haver boas práticas de conservação e restauro para evitar depreciar o património cultural e provocar danos posteriores. O *Laboratório Hércules* tem estado sempre disponível para colaborar e apoiar as entidades do concelho de Évora, respondendo às solicitações das «forças vivas da cultura local». Contudo, não cinge a sua atuação à região, pois a pertença a redes internacionais de cooperação científica é sempre uma mais valia para qualquer instituição portuguesa. Outra área de intervenção, uma das três unidades do laboratório, é a da divulgação junto dos mais jovens, especialmente em colaboração com os estabelecimentos de ensino, onde realiza múltiplas iniciativas durante o ano letivo, incentivando os alunos a experimentar técnicas de investigação. Neste campo têm ainda sido realizados projetos em parceria com o programa *Ciência Viva*.

Miguel Pedro, em representação da *Sociedade Harmonia Eborense*⁴ (SHE), fez uma breve incursão na história da instituição e da sua relação com a cidade.

Localizada em plena Praça do Giraldo, no antigo palácio dos Estaus (ou Estalagem Real), a sua origem remonta ao séc. XIX, sendo fundada em 1849, numa época em que estava em florescimento uma elite constituída pela pe-

3 www.hercules.uevora.pt

4 <http://soc-harmonia.blogspot.pt>

quena burguesia urbana, cuja influência se fazia sentir no meio cultural. A SHE sempre promoveu atividades muito diversas, mas mantendo a música como elemento principal de ligação à sua massa associativa.

Na viragem para o séc. XX, a *Sociedade Harmonia Eborense* assume-se de grande relevância para a cidade, apesar das práticas de sociabilidade no seu seio estar vedada ao género feminino e ser um ambiente exclusivo aos homens da elite eborense. Hoje, uma das valências fundamentais desta sociedade é o seu importante espólio documental, bem como a sua biblioteca composta por obras históricas e raridades. Ao longo dos seus 165 anos, atravessou diversos períodos políticos da história de Portugal, atravessou a monarquia, passou pela Primeira República e pelo Estado Novo. Em qualquer destas fases é difícil perceber qual foi o papel - de cumplicidade ou não - da *Sociedade Harmonia Eborense* com os diferentes regimes. O que é certo é que «existem indícios que revestem a sociedade de um certo pendor republicano»; há uma obra emblemática, o *Gato Vermelho*, uma peça teatral – encenada pelo *Grupo Dramático da SHE* - que assume criticamente o conflito entre republicanos e monarcas.

Durante o Estado Novo, e da consequente repressão cultural, a Harmonia vê as atividades artísticas decrescerem para assumir outras de cariz mais recreativo (bailes, quermesses,...), mas rompe no entanto com o conservadorismo de género, alargando a sua base de participação social à família. Posteriormente ao 25 de Abril, a SHE cai numa «espécie de declínio, numa atividade rotineira e decadente», e volta novamente a masculinizar-se.

Numa época posterior, a partir dos anos 1990, a comunidade estudantil universitária procura apropriar-se dos espaços da SHE, integrando paulatinamente os seus órgãos sociais, substituindo as gerações anteriores de dirigentes. Os estudantes da universidade de Évora trazem assim uma outra ideia de cultura e novas práticas artísticas, transformando desse modo o panorama da oferta cultural da SHE na cidade e envolvendo cada vez mais os jovens públicos e criadores.

José Russo salientou desde logo que seria importante reunir condições para concretizar algumas das ideias surgidas durante o ciclo de conferências. De seguida apresentou uma comunicação centrada nos aspetos mais estruturantes da experiência do CENDREV⁵ em Évora.

A origem do CENDREV remonta ao tempo em que chegou a Évora um grupo de homens e mulheres do teatro, mais precisamente no dia 2 de Janeiro de 1975, tendo-se instalado no «belo *Teatro Garcia de Resende* (TGR) que lhe fora cedido pela Câmara Municipal, através de um acordo celebrado entre o senhor arquiteto Bagulho, Presidente da Comissão Administrativa da autarquia e o encenador Mário Barradas, responsável pelo projecto. Estes acordaram então que o TGR, que à data do 25 de Abril de 74 era, nem mais nem menos, do que um armazém de lixo da cidade, seria, a partir da referida data, sede

5 <http://www.cendrev.com>

deste projecto que constituía o embrião da descentralização cultural no país que acabava de renascer».

Ainda que persista a ausência de uma política cultural para o país, a realidade teatral portuguesa integra hoje um conjunto de projetos instalados fora de Lisboa e do Porto que, ao longo destes anos, se constituíram em verdadeiros polos de animação da vida cultural das cidades e regiões. O Alentejo «é um território rural com uma grande valia cultural que temos obrigação de preservar e dignificar»; mas sem dúvida, é necessária uma política estruturante e de longo prazo que contribua para a fixação da população e promova a vinda de novos residentes. Todavia, hoje, sobrevivemos com a lógica perversa de esvaziar as comunidades dos elementos necessários à sua sobrevivência (administração pública, tribunais, escolas, centros de saúde/hospitais).

O CENDREV cumpriu, em Janeiro de 2014, 39 anos de criação artística, formação teatral e de gestão do centenário *Teatro Garcia de Resende*, é responsável pela recuperação dos *Bonecos de Santo Aleixo* e organiza desde 1987 a *Bienal Internacional de Marionetas de Évora – BIME*. No atual panorama de austeridade global, e enquanto se mantiverem os reduzidos níveis de financiamento à cultura, não será possível cumprir com dignidade, a sua função de serviço público. Desse modo, a democratização da cultura, um desígnio inscrito na nossa Constituição, será eternamente adiada e a correção das assimetrias regionais ficará «refém da discriminação negativa a que o Alentejo e outras regiões têm sido sujeitas ao longo de anos».

Rui Horta, avisou desde logo que não iria fazer uma comunicação politicamente correta, pois tinha receio que este fosse mais um debate igual a tantos outros, preferindo assim esforçar-se por responder à questão inicial colocada ao painel: de que modo os agentes culturais podem contribuir para uma política cultural transformadora?

Preferiu assim não falar das qualidades da sua estrutura artística, a qual se encontra bem classificada nas mais diversas candidaturas europeias. Apesar do sucesso do seu trabalho no campo cultural, Rui Horta prefere exercer a autocritica, evidenciando a sua frustração pela insuficiência no papel transformador: «somos relativamente transformadores na cultura, e muito pouco ou nada na educação». Rui Horta, e o *Espaço do Tempo*⁶, sediou-se em Montemor-o-Novo há 15 anos, por convite da Câmara Municipal, na altura liderada por Carlos Pinto Sá, contribuindo desde então para a economia da cidade e para a sua dinâmica cultural e educativa. Nestes últimos anos, advertiu, uma das lacunas nacionais é o facto de o poder político nunca ter entendido a cultura (e a educação e ciência) como constituinte fundamental da sociedade. Por exemplo, ao nível do Estado central, o orçamento de Estado para a Cultura é 0,1 % - faz um ponto na parede atrás de si para ilustrar a pequenez do número -, e isso «demonstra uma profunda estupidez, pois no contexto europeu a maioria dos empregos é hoje criado nas indústrias criativas». Portanto não se percebe

que numa época em que a economia é inteligente e as cidades são inteligentes, o Estado não invista na massa crítica e na verdadeira capacitação dos cidadãos.

No âmbito da questão central do debate, o coreógrafo deu a conhecer uma das últimas iniciativas desenvolvidas pelo *Espaço do Tempo*, intitulada *Sinais de Fumo - Conversas para além da crise*⁷, onde participaram diversas personalidades de múltiplos ramos do saber, tendo posteriormente sido publicado em livro e distribuído pelos governantes do país. O desligamento entre as elites e a população portuguesa é outro dos fatores de instabilidade política ao longo dos tempos; é necessário que a sociedade civil consiga impor um pensamento transformador, contudo vivemos ainda atomizados e deprimidos por 40 anos de fascismo. Este é o verdadeiro problema: os nossos governantes «são o pior que nós temos», apenas preocupados com a sobrevivência do aparelho político-partidário. Quando nós precisamos é de pessoas que tenham uma visão holística dos sistemas complexos, que possam combater a investida trágica do capitalismo selvagem. A escola (a educação) é um «logro gigantesco», porque apesar do razoável orçamento de Estado que tem, não houve um Ministro que tenha conseguido fazer a transformação necessária, nomeadamente ultrapassar uma lógica educativa de controlo (psíquico e corporal) das crianças e dos jovens. Nesta perspetiva, a maior transformação terá de ser feita na área da educação em Portugal. A par dessa tarefa, importa ainda que a sociedade civil se envolva mais em processos horizontais de cooperação, mobilizando o pensamento crítico e o debate das opções políticas.

7 <http://www.sinaisdefumo.net>

PAINEL 3

CULTURA E TERRITÓRIO

VISITA A ANTIGOS ESPAÇOS INDUSTRIAIS

Se consideramos o território vivido ou ocupado por uma determinada comunidade como a expressão própria da sua vida económica, social e cultural, a possibilidade de ocupação de espaços industriais devolutos, quer no centro histórico quer na sua periferia mais próxima cria uma dinâmica cultural própria. Como dizia o arquiteto Jorge Silva, a Comunidade tem que encontrar formas de organização, que possibilitem trabalhar em paralelo aos grandes projetos culturais gerados pelo poder político, de maneira a poder definir as suas próprias estratégias para a cultura e encontrar possibilidades de utilização futura, dentro do carácter temporário e transitório das cidades.

Neste sentido, foi organizada a visita, que a seguir se descreve sucintamente, a antigos espaços industriais que foram transformados em espaços de cultura e a outros abandonados mas com potencial de transformação e agregação de valor cultural, para os cidadãos, para a cidade e para o território. Esta visita ocorreu na sequência do Painel 3 – Cultura e Território.

ANTIGOS CELEIROS DA EPAC Este espaço (sul da cidade de Évora, no exterior da muralha do séc. XIV e dos baluartes do séc. XVII) e toda a zona envolvente, incluindo o Jardim Público (1867), foram projetados pelo arquiteto e cenógrafo José Cinatti (Siena, 1808 – Lisboa, 1879). É um conjunto de ações, quase um projeto urbano, intervencionando toda esta zona sul da cidade de Évora. O Rossio (séc. XIV) foi reordenado, a ermida de S. Bráz (séc. XV, 1482) foi regularizada e foi construído um muro de suporte. Esta (re)organização espacial está relacionada com a chegada da linha ferroviária a Évora em 1863, a construção da estação e a sua ligação à cidade. Toda a zona sul foi intervencionada e valorizada com vista a uma nova centralidade nunca concretizada.

Os celeiros, situados junto ao pomar e à horta, eram uma dependência do Palácio Barahona (séc. XIX – 1867), implantado a norte da zona referida. Em meados do séc. XX este espaço ainda estava na posse da família Barahona. Na década de 70 passa para a EPAC (Empresa Pública de Abastecimento de Cereais, 1976-1999) e em 1997 foi adquirido pela Câmara Municipal de Évora. Nessa altura e através de acordos com a autarquia, o espaço foi sendo cedido

a associações culturais que aqui têm desenvolvido a sua atividade. Desde então e em resultado desta nova ocupação, o espaço dos antigos Celeiros tem sido palco de diversas manifestações culturais. É um edifício construído em tijolo burro, que tem atualmente problemas estruturais de alguma gravidade.

É interessante neste edifício dos celeiros, o facto de se constituir como um elemento que faz parte de uma casa agrícola, integrando-se num conjunto vasto que inclui o Rossio e o Jardim Público, não devendo assim, ser visto isoladamente, mas como fator de ordenamento de uma zona da cidade. A relação que estabelece entre a cidade medieval (intramuros) e a nova cidade dos finais do séc. XIX (extramuros), afigura-se interessante e com potencialidade para o futuro, atuando como elemento de mediação entre o Centro Histórico e a extensa Cidade contemporânea.

São residentes no Espaço Celeiros, as associações A Bruxa Teatro, Coleção B, Pé de Xumbo e Cantares de Évora, que em seguida se descrevem com brevidade.

A Bruxa Teatro

Associação Cultural dedicada à criação e produção teatral. Companhia de Teatro profissional - criação artística assente em textos da dramaturgia contemporânea. Tem como Missão, a produção e prestação de serviços culturais, realização de espetáculos de Teatro, desenvolvimento de atividades de natureza cultural, nomeadamente no campo teatral e cinematográfico, preservação do património cultural, formação artística e cultural. “Para nós, o teatro é um lugar de resistência, porque de existência. Da existência, apesar de tudo. Apesar das dificuldades do presente, apesar do peso do passado, apesar de todos os impedimentos, ostentação e vaidade do presente. Um espaço para existir em conjunto: espectadores, atores, dramaturgos, artistas e os outros”.

Coleção B

Associação cultural sem fins lucrativos. Organizou entre 2004 e 2012 o Escrita na Paisagem - Festival de Performance e Artes da Terra. Desde Outubro de 2011 é a entidade cultural responsável pela programação cultural na Igreja de São Vicente, depois de ter naquele espaço produzido espetáculos, encontros, debates, lançamentos e exposições, integrados no Escrita 2011. Com os Ciclos de São Vicente, iniciados em 2011, programa com atividades de formação, espetáculos, exposições, encontros, cinema, dança, música, entre outros .

O nome da associação é um ‘objet trouvé’: “*um carimbo de uma velha editora deu-nos o nome e o logo. Acreditamos no colectivo que o nome designa*”.

Pé de Xumbo

Associação para a Promoção da Música e Dança, trabalha desde 1998 na promoção da música e dança de raiz tradicional. Uma equipa profissional dedica-se à recuperação destas práticas culturais, através de registos, copro-

duções, criação artística, investigação, formação de formadores e ensino informal destinado a todas as idades.

A PédeXumbo propõe-se reavivar hábitos sociais de viver a música, re-produzindo bailes tradicionais participados por novas gerações que vão beber em práticas antigas.

No seu próprio espaço, em Évora, programa regularmente oficinas de dança, música, concertos, bailes e tertúlias para vários públicos. Organiza festivais em todo o país, tendo especial notoriedade o Andanças. Dinamiza aulas regulares de dança junto de escolas e jardins de infância, projetos comunitários de educação artística, e promove ações de formação que exploram diversas vertentes das danças de raiz tradicional.

Contando com diversas parcerias internacionais, tem ainda um papel pioneiro na criação artística de novos formatos de baile, explorando conceitos de danças sociais, interatividade, ritual, criatividade, contemporaneidade, tradição. Dinamiza, em colaboração com instituições universitárias, um setor de investigação etnocoreológica, tendo editado diversos livros e documentários.

Cantares de Évora

O Grupo Cantares de Évora foi fundado em 1979, com o objetivo de preencher, na cidade de Évora, um “Espaço Cultural” dedicado ao Coral Tradicional do Alentejo. O seu repertório é preenchido por “Modas Antigas”, mantendo toda a fidelidade ao cancionário tradicional, não sendo feitos quaisquer arranjos nem alterações às músicas nem aos poemas, sempre de origem popular.

Tem a particularidade de ser um Coral misto, contando hoje com cerca de 25 vozes. Durante as suas atuações o Grupo exhibe igualmente os trajes tradicionais do Alentejo, representando com rigor o modo de vestir dos vários estratos sociais e profissões dos anos 40.

Contam com diversas atuações em Portugal e no estrangeiro, nomeadamente em Cuba, Rússia, Arménia, Tunísia, Egipto, Canadá, Espanha, etc., e, em Julho de 2010, em Ravena, Itália, no âmbito do projeto Oralidades. Este projeto é uma iniciativa ao abrigo do Programa Europeu Cultura 2007-2013 e envolve uma parceria internacional entre os Municípios de Évora, Idanha-a-Nova e Mértola (Portugal), Ourense (Espanha), Ravena (Itália), Birgu (Malta) e Sliven (Bulgária).

ANTIGA FÁBRICA DE ESCOLHA DE SEMENTES DE TRIGO Conjunto de edifícios de finais do séc. XIX, princípios do séc. XX e outros da década de 60 do séc. XX, ocupando uma área de cerca de 3 hectares, na zona sul da cidade de Évora, junto à estação de caminho de ferro, com cais ferroviário próprio. A partir de 1936 é propriedade da Federação Nacional dos Produtores de Trigo. Com a extinção desta entidade após a revolução do 25 de Abril de

1974, a propriedade passou para a EPAC, Empresa Pública de Abastecimento de Cereais. Finalmente é propriedade do Ministério das Finanças desde o final da década de 1990, data da extinção da EPAC, e devoluto desde essa altura. Este edifício de 1960, muito interessante do ponto de vista arquitetónico e espacial abre igualmente possibilidades interessantes pelas múltiplas funcionalidades que pode albergar. Neste momento dois armazéns do conjunto do séc. XIX/XX foram recuperados e estão ocupados por parte do arquivo do Parque Natural de Sintra/Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. Não havendo perspectivas de utilização para o resto dos edifícios que estão, por enquanto, em relativo bom estado, este é exemplo de um local com grande potencial para instalação de empresas criativas e/ou associações culturais, assim como para a realização de eventos, exposições, espetáculos de teatro e dança, concertos, workshops, entre outros.

ANTIGA FÁBRICA DAS CARNES Conjunto de edifícios dos anos 30/40 do séc. XX, situado na zona sul da cidade de Évora, próximo da estação de caminho de ferro. No prolongamento da linha estabelecida desde os Antigos Celeiros, passando pela Fábrica de Escolha de Sementes de Trigo, chega-se a esta antiga fábrica de enchidos, já há muitos anos sem essa função. Sendo propriedade privada encontram-se aí sediadas uma fábrica de pastelaria e a Associação Cultural do Imaginário.

Do Imaginário

A Associação Cultural Do Imaginário reside neste espaço desde 2004 e tem procurado desenvolver uma série de iniciativas que apelam à participação e envolvimento da comunidade. Com uma estrutura profissional muito reduzida, grande parte da atividade d' O Imaginário assenta num dedicado e ativo esforço voluntário dos seus associados. De entre as suas várias iniciativas, destaque para o Teatro (incluindo diversas produções para a infância), projetos musicais de origem tradicional e contemporânea, formação, animação de rua, poesia, entre outras. É sobretudo através das suas produções, que têm sido apresentadas em todo o país, que a associação tem conseguido subsistir num espaço alugado, que vai sucessivamente adaptando e melhorando, criando salas de espetáculo, espaços de ensaio, oficina e um pequeno bar de apoio à atividade.

NOTAS FINAIS

A cultura é o valor transversal da criatividade humana e é um suporte indispensável para o desenvolvimento social, intelectual e económico das sociedades. No Alentejo esse processo passa pela valorização do património material e imaterial, pela educação, pela participação das

comunidades, por via associativa ou outras, pela discussão crítica e pela proximidade dos conteúdos políticos, com vista a uma vida plena e sustentável.

Numa primeira fase (de 25 de Abril de 1974 a meados da década de 90 do séc. XX) trabalhou-se na infra-estruturação do território, a diversos níveis, nomeadamente na construção e consolidação do poder local. Aí, a participação das populações foi importante, embora não decisiva. Agora procuram definir-se novas estratégias em políticas culturais orientadas para o ordenamento, para maior e melhor democracia participada e sustentada e para uma consciência crítica mais eficaz, abrangente e realista, embora infelizmente enquadrada em constrangimentos económico-financeiros por vezes decisivos.

A atual hegemonia das políticas culturais tem origem temporal localizada no pós-guerra (na década de 50 do séc. XX) e origem geopolítica nos EUA. Estas políticas, ao disseminarem valores ditos “ocidentais”, massificam e banalizam conceitos de património, cultura e identidade, promovendo o desenvolvimento das indústrias ligadas ao turismo de massas. Isto acaba por conduzir a uma atomização, individualização e consensualização das sociedades na destruição dos próprios valores culturais. Os espaços públicos urbanos são comercializados e privatizados e outros territórios são musealizados, com a colaboração mais ou menos consciente dos agentes culturais e a expectativa acrítica de boa parte das populações.

O ciclo de conferências «*Cultura, Espaço Público e Desenvolvimento | Que opções para uma política cultural transformadora?*» demonstrou que a existência de uma dimensão cultural urbana, sustentada e ancorada no território, será resultado de um complexo ecossistema e das suas múltiplas interdependências. As relações entre cidadãos, e os cruzamentos destes com o espaço público, a cidade - e os territórios em geral - podem assumir diversos graus de efetividade e qualidade, tal como as práticas culturais daí resultantes. Neste aspeto importa conhecer o padrão que permita desenvolver redes de pertença mais resilientes e sustentáveis. Ao longo dos quatro painéis temáticos foram iden-

tificados problemas e possíveis soluções relacionados com o urbanismo, mas também diagnosticados paradoxos e bloqueios respeitantes à sociedade civil e às formas atuais de governação. Apresentamos uma pequena seleção dos mesmos.

Diagnósticos e problemas

- Temos uma sociedade civil atomizada, deprimida e sem suficiente consciência crítica; as elites portuguesas parecem desligadas de uma agenda transformadora.
- Para além dos cortes orçamentais no financiamento público, as políticas atuais não potenciam a transversalidade entre território, educação, cultura e ciência.
- O espaço público manifesta-se por vezes adverso a uma maior intensificação da democracia e da liberdade de expressão. A identidade territorial, condicionada pelos mecanismos de mercado e *branding*, revela-se hegemónica e prejudicial ao pluralismo sociocultural. Os centros históricos carecem de urgente requalificação e revitalização.
- O esvaziamento dos centros urbanos e em particular dos centros históricos, afeta as dinâmicas culturais porque restringe a possibilidade de interação entre as iniciativas culturais e outras atividades
- A racionalidade económico-financeira passou a dominar as esferas política, social e cultural. A ideia dominante sobre o empreendedorismo é estreita e foca-se quase exclusivamente nos mantras empresariais do sucesso, de uma inovação sem raízes, e da competição. A ideia de que a cultura, com as indústrias criativas, o empreendedorismo e a inovação, numa visão economicista, pode/deve ser a solução dos problemas da nossa sociedade, conduz, na prática, a considerar que deverá ser a rentabilidade mercadológica a determinar o sucesso e a permanência dos processos culturais.

Possíveis soluções

- Integrar a dimensão económica e o mercado na equação, mas como resposta às necessidades reais das pessoas e não como um dispositivo lucrativo controlado por oligarquias financeiras.
- Conceber a cidade como um gerador de interações que está em permanentemente tensão. A administração pública deve favorecer a fruição e as diversas possibilidades de utilização dos espaços públicos; É necessário assegurar espaços multifuncionais – evitando assim segre-

gações sociais e funcionais - mas também espaços dotados de funcionalidades flexíveis e abertos à criatividade e à apropriação plural por cidadãos interessados. É cada vez mais imperiosa a participação dos residentes e utentes na elaboração dos planos estratégicos, de urbanização e de pormenor.

- Promover práticas colaborativas (fomentar o associativismo) permite desenvolver redes e quebrar a prática de atomização do sector da cultura – estabelecer redes de interesse, e promover ligações interterritoriais e interculturais.
- Criar medidas e mecanismos que operacionalizem o apoio a novas utilizações dos imóveis devolutos nos centros históricos, nomeadamente através de um serviço público de proximidade, que promova a mediação entre os atores culturais e os proprietários.
- Re-alocar o financiamento público às questões essenciais, reduzindo a política-espetáculo do “pão e circo”, bem como articular os recursos públicos em prol de um sistemático e regular direito à participação na construção das políticas comuns e à criação, produção e fruição dos bens simbólicos.

De um modo geral, contactámos aqui entidades que trabalham a partir de valores existentes (Fundação Eugénio de Almeida, Campo Arqueológico de Mértola, Cantares de Évora, Laboratório Hercules) e outras que criam novos valores (Espaço do Tempo, Sociedade Harmonia Eborense, Centro Dramático de Évora, Associação do Imaginário, a Bruxa Teatro). Com as suas valências próprias, todas contribuem para a transformação do território, englobando saberes, técnicas, tecnologias, interdisciplinaridade, desenvolvimento sustentado, preocupações sociais e ambientais bem como as relações afectivas, a valorização do “local” e a urgente humanização dos processos culturais face aos contextos padronizados da sociedade contemporânea.



SERIES OF
CONFERENCES
HELD IN ÉVORA FROM JUNE 12 TO 14, 2014

and **CULTURE,
PUBLIC SPACE
DEVELOPMENT**

**WHICH OPTIONS
FOR A TRANSFORMATIVE
CULTURAL POLICY?**

Series “Culture, Public Space and Development | Which options for a transformative cultural policy?”

Évora, 12 to 14 June 2014

CIMAC

Series included in project

3C4 Incubators - Culture, Creative and Clusters for Incubators

Co-financed by Programme MED

Organized by CIMAC (Intermunicipality Community of Central Alentejo) e Grupo Pro-Évora/
Colectivo Campo Aberto

graphic design and printing: milideias.pt

translation: João André Abreu: joaoandreambreu.com

date of publication: October 2014

copy edition: 250

INTRODUCTORY NOTE	5
PANEL 1 - CULTURE AND DEVELOPMENT	9
COMMENTARY	
SYNTHESIS OF THE INTERVENTIONS	
PANEL 2 - CULTURE AND PUBLIC SPACE	16
COMMENTARY	
SYNTHESIS OF THE INTERVENTIONS	
PANEL 3 - CULTURE AND TERRITORY	21
COMMENTARY	
SYNTHESIS OF THE INTERVENTIONS	
PANEL 4 - CULTURAL INTERVENTION EXPERIENCES	27
COMMENTARY	
SYNTHESIS OF THE INTERVENTIONS	
VISIT TO FORMER INDUSTRIAL SPACES	33
FORMER EPAC BARN	
FORMER WHEAT SEED SORTING FACTORY	
FORMER MEAT FACTORY	
CLOSING NOTES	37



INTRODUCTION

This Series of Conferences is part of the set of initiatives developed in Central Alentejo (the territory that comprises the municipalities of Alandroal, Arraiolos, Borba, Estremoz, Évora, Montemor-o-Novo, Mora, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Vendas Novas, Vila do Alentejo and Vila Viçosa) in conjunction with multiple partners and institutions with influence or decision-making powers regarding policies and support for the cultural sector.

Research, reflection and debate are essential to an area that involves various dynamics and transversalities - when planning and assessing results, and when defining perspectives and guidelines for future action.

The Series of Conferences presented here is part of the **3C 4 Incubators - Culture Creative and Clusters for Incubators** project.

The project started in July 2013; **3C 4 Incubators** results from the merger of four prior projects that addressed the promotion of the cultural and creative sector as a factor for territorial development, along with social and economic innovation.

It is argued that **culture**, within its various programmings and manifestations, can become a factor for the enhancement of societies in general, through an articulated and effective participation of the various sectors involved - state, municipalities, organizations, citizens.

The **3C 4 Incubators** project is financed by the MED Programme - European Territorial Cooperation Programme for the Mediterranean, during a stage that can be regarded as of capitalization. Some projects, that have already been concluded in the European territory, must be divulged, amplifying their visibility to their respective target audiences, creating synergies and potentiating future actions and inter-actions.

It is necessary to benefit from the experience and data that have since been acquired, in order to fine-tune priorities and new guidelines, and to express the significance of local realities, with the intent to “universalize” the values being considered, thus improving the future features of European territorial cooperation programmes.

In essence: to make the best possible articulation between knowledge and practice in spaces that are more sensitive to cultural intervention.

The **3C 4 Incubators** project has been developing activities addressing the following areas:

- *The cultural productive sector* (design and promotion of “tools” and methodologies for supporting the activity of cultural organizations and to promote cooperation between those organizations)

- *Frameworks to support the creation of such organizations* (knowing and defining models for cultural incubators and their potential articulation with other creative structures, along with the assessment of the necessary supporting services);

- *Territory* (initiatives addressing organizations with decision-making powers and influence in the supporting policies for the cultural sector; initiatives for promoting the study, debate and creation of guidelines for the next programming period).

The Series “**Culture, Public Space and Development** | *Which options for a transformative cultural policy?*” took place between June 12 and 14, in Évora, at the CIMAC Conference Hall, in a joint organization between CIMAC and Grupo Pro-Évora/Colectivo Campo Aberto, with the following programme:

JUNE 12th

10.00 am: PANEL 1 - CULTURE AND DEVELOPMENT

Moderator : Carlos Pinto Sá (Mayor of Évora)

Cristina Farinha (Coordinator of ADDICT - Creative Industries - Portugal): “Critique/(de)construction of cultural policy and entrepreneurship mechanisms”

António Guerreiro (journalist): “Cultural policy and economic development”

Ana Paula Amendoeira (Regional Director for Culture in Alentejo): “Culture and development: aggiornamento of an unbeatable combination?”

Cláudio Torres (Archaeologist): “Cultural action strategies in the territory: research and knowledge at the service of the common good”

2.30 pm: PANEL 2 - CULTURE AND PUBLIC SPACE

Moderator: Celestino David (President of the Grupo Pró-Évora)

Fernando Pinto (Architect): “Public space - a dynamic foundation for citizenship”

Aurelindo Ceia (Designer): “The political dimension of design in the conception of public space”

Frederico Pompeu da Silva (Designer and Illustrator): “Inscribing the citizen in the urban area - perspectives on projects in design”

JUNE 13th

10.00 am: PANEL 3 - CULTURE AND TERRITORY

Moderator: Luis Cavaco (Director-General of ADRAL - Alentejo Regional Development Agency)

Eduardo Miranda (Architect): “Historic Centers - Buildings, Living Experiences and Perspectives”

Jorge Silva (Architect): “The value of new spaces permeable to cultural intervention”

Margarida Cancela d’Abreu (Landscape Architect): “Urbanism as a driving force for culture and development”

2.30 pm: PANEL 3 - CULTURE AND TERRITORY (CONT.)

Visit to the building of the former Barns of EPAC (project presentation and contextualization: Architects Miguel Marcelino and Eduardo Miranda)

Visit to the buildings of the former Meat Factory and Wheat Separation Factory (contextualization: Architect Eduardo Miranda)

JUNE 14th

10.00 am: PANEL 4 - CULTURAL INTERVENTION EXPERIENCES

Moderator: Rui Matoso (Cultural manager and programmer)

Fundação Eugénio de Almeida - **Maria do Céu Ramos** (Secretary-General of the FEA)

Centro Hércules - Universidade de Évora - **Cristina Dias** (Deputy Director)

Sociedade Harmonia Eborense - **Miguel Pedro** (Member of the Board)

Centro Dramático de Évora – **José Russo** (Director of CENDREV)
Espaço do Tempo – **Rui Horta** (Artistic Director)

12.00 pm: Presentation of the conclusions: **Rui Matoso** / Closing Ceremony

The interventions from the different Panels will be presented in the following chapters. We must highlight the quality of the presentations, not only regarding the expression of their contents, but also the general understanding of the subjects in discussion.

The themes addressed included the general relations between erudite culture, local culture and mass culture, the characterization of the territory as a space of cultures (also in the sense of farm cultures), urbanism and landscape architecture as a technical necessity and requirement for decision-makers, the critical appropriation of historic values, the political dimension of design and architecture in defining public space, patrimony and patrimonies....

Architect Fernando Távora, in a text published in 1968, stated: *“The awareness of the mutual relation between organized space and human behaviour in every quantitative and qualitative level has become quite clear today, allowing us to address the problem of the City as a form (not as a sum of forms) and its determinants in Man’s global behaviour.”*

The contents presented in various forms of reflection in this Series of Conferences often express the critical conscience described by Távora about 50 years ago. But they also convey something else: that cultural expression relates not only to the effort of acquiring and speculating around new areas of knowledge, but also to ancestral organizative ways and to the possibility of expressing them through the actions and the interest of citizens - at different levels of complexity and in the various responsibilities of governance.

PANEL 1

CULTURE AND DEVELOPMENT

COMMENTARY The historic relation between culture and development was one of the most prominent and transversal topics in this panel; still, it is possible to complement this debate with more recent facts that are important to acknowledge. On one hand, it is undeniable

that new forms of understanding development have appeared, regarding its close relation with cultures; namely the pathway suggested by Amartya Sen (Nobel Prize in Economic Sciences) of “development as freedom”, where political freedom means providing citizens the opportunity to discuss, debate and participate in choosing the principles and values used to sort priorities in development policies. This notion later originated the idea of “human development”; The *2004 Human Development Report* (UNDP)¹ focused on the issue of *Cultural Liberty in Today’s Diverse World*.

Accentuating its divergence with the *World Trade Organization* - that intended, with support from the United States, to include culture in international free trade treaties - UNESCO internationally established in 2005 the *Convention on the Protection and Promotion of the Diversity of Cultural Expressions*. This transformation, and the loss of U.S. dominance in the context of globalization, led to the appearance of the *Agenda 21 for Culture (A21C)*², in the scope of the *World Social Forum*. The relevance of the *World Social Forum* (Porto Alegre was the Brazilian city chosen as the headquarters for the first World Social Forum in 2001) in the construction of an alternative to the neoliberal and capitalist globalization - and as an antithesis to the Davos World Economic Forum - is therefore an indicator that the principles and values consecrated in A21C, namely a genuinely participative philosophy and a strong concern with cultural rights and freedoms, may be of value to the consolidation of a critical conscience that favors instituting practices (the re-institution of cultural institutions) and a high-intensity democracy, both essential to “transformative cultural policies”. If, on one hand, development is necessarily related to transformation, as it is mostly a process of planning, confronting and implementing projects, on the other hand, culture and development are intertwined and almost merged together, as they are consubstantial.

1 www.pnud.org.br

2 <http://www.agenda21culture.net>

In these circumstances, a cultural policy for development becomes necessary: Culture as a “critical conscience” of development; and, simultaneously a development policy for culture: The reinforcement of participatory democracy and cultural diversity, and a culturally guided participation. An endogenous development is assumed in this case: cultural agents can change themselves through social creativity, rather than being constrained by external impositions. This way, it is possible to “enable everyone to contribute to the shaping of ideas and to participate in choices which determine the future”. (European Declaration on Cultural Objectives, 1984).

SYNTHESIS OF THE CONFERENCES In the opening panel for the conference series “Culture, Public Space and Development | Which options for a transformative cultural policy?” moderated by **Carlos Pinto Sá** (Mayor of Évora), the participants were **Cristina Farinha** (Executive Coordinator of ADDICT - Agency for the Development of Creative Industries - Portugal); **António Guerreiro** (Journalist and essayist) and **Ana Paula Amendoeira** (Regional Director for Culture in Alentejo).

Carlos Pinto Sá opened the conference series by introducing some ideas related to the topics debated in this panel, namely the comprehensive and anthropological notion of culture, as well as its close relation to development, introduced by UNESCO in the *1982 Mexico World Conference*: “Culture can now be considered as an ensemble of distinctive traits, spiritual and material, intellectual and emotional, which characterize a society or a social group. (...) It includes lifestyles, fundamental human rights, systems of values, traditions and beliefs; and development as a complex, holistic and multidimensional process, that reaches beyond economic growth and integrates all the energy of the community”³.

In this introduction, Carlos Pinto Sá also quoted the concept of culture, as defined by Bento Jesus Caraça: “The acquisition of culture implies a constant elevation, served by the flourishing of the best in Man and by an ever growing development of all his potential qualities, considered from the quadruple viewpoint of physical, intellectual, moral and artistic features; it means, in a word, the conquest of freedom”⁴. He later evoked the eight *Millennium Development Goals* (UN)⁵ in order to find their pertinence and relation with the cultural dimension of development. In the national scale, and within a different sphere of concerns, that Carlos Pinto Sá presented, the troubling “global reconcentration of power” and the “neoliberal standardization of values, including cultural

3 http://portal.unesco.org/culture/es/files/35197/11919413801mexico_sp.pdf/mexico_sp.pdf

4 Bento de Jesus Caraça (1933) . The Integral Culture of the Individual - An essential problem of our days (Conference at the “Mocidade Livre” [Free Youth] Cultural Union, on May 25th of 1933) Available at http://www.dori.pcp.pt/images/SocialismoCientifico/texto_bjcara%E7a.pdf

5 <http://www.objetivosdomilenio.org.br>

values” were mentioned. Regarding the regional geographical dimension, the moderator considered that in the scope of a cultural policy that faces globalization, Alentejo has a “strong and unique cultural identity”, that can be made an asset, in conjunction with the need for external openness.

The “umbilical” connection between culture, patrimony and education; the issues of public participation and the associative movement; the importance of artistic creation and culture as an economic resource were also highlighted as essential vectors of a contemporary cultural policy. Closing his intervention, the speaker invoked articles 9, 42 and 73 of the Constitution of the Portuguese Republic, to emphasise the importance of culture in the areas of freedom of cultural creation, rights and obligations, as fundamental responsibilities of the State.

Cristina Farinha began her intervention, intitled “Critique/(de)construction of cultural policy and entrepreneurship mechanisms” by providing a brief introduction to ADDICT⁶ and highlighting the importance of networking in different scales.

In her perspective, a globalized, interconnected world presents professionals in the cultural and creative fields with new challenges, along with the current policies of promotion of entrepreneurship, competitiveness and creative industries - a denomination that has in fact been used as a replacement for art and culture. These buzzwords (entrepreneurship, innovation, creativity...) that often appear in official discourse, have become a sort of magical formula intended to solve every problem, yet without acknowledging their foundations. However, in this paradoxical conjuncture, “culture” - regarded here as “the cultural sector” - has systematically been relegated as a priority and as a strategical area, namely concerning its fundamental role in territorial development, in a way that far surpasses mere budgetary cuts.

In the context of current labour markets, the speaker pointed out the reversal of attitude towards an atypical view of creative and cognitive professions, now seen as the dominant model for deregulation and labour flexibility - features that are strongly valued due to employability demands. In essence, “today, we all work a little like artists”, because the skills that are required from each of us (lifelong learning, adaptability, flexibility, mobility,...) have long been present in artistic professions, and are now applied to other sectors, namely to liberal and intellectual professions. This shift in the definition of work is, however, accompanied by a contradiction: the artistic class still bears the social stigma of being dependant on state subsidies, when in fact it has always been an entrepreneurial professional class, for an artist would not survive in the art world without that quality. All this apparent fluidity, promoted by labour mobility and by the technological ubiquity in the creative universe, is in fact a complex system, when seen from an international perspective. A system that requires an ample diversity of resources, which means a high amount of effort

6 www.addict.pt

and a permanent dynamism from creative agents, made yet more difficult by the conjuncture of a weakened Welfare State.

Cristina Farinha believes the concept of entrepreneurship has been far too restricted to its business aspect, and prefers to regard it as a synonym for initiative and critical ability for intervention and positioning in a society of risk and learning, that allows for more informed action. In this sense, transdisciplinary partnerships and collaborations become key when operating in economies of scale, also because they boost the political conscience and public voice of a class that is seen as fragmented and devoid of a collective body.

Still, without a large spectrum cultural policy - that may articulate culture, education, science, arts and creative industries - it becomes difficult to promote an appropriate environment for experimentation, that is so necessary for these activities. There is the demand for a cultural policy that may generate measures for regulating this sector, and to facilitate the access to new forms of financing, adapted to the profile and purposes of the sector at a structural level, but that also provide occasional and specific support to projects; as well as promoting the dissemination of information, the creation of entities, both not-for-profit and for-profit, and the creation of a wider diversity of intermediaries. Otherwise, these creative agents cannot be expected to be made individually responsible for the permanent generation of innovation, and for the retribution to society of their creative potential.

António Guerreiro began by bringing up his personal experience of travelling to Alentejo, referring to the landscape as a phenomenon of cultural objectivation; “the Alentejo landscape” - caused a sort of exaltation and the speaker considered it to be near-sublime. António Guerreiro simultaneously noted that the exercise of objectivation is also a violence imposed on the landscape, and therefore, the awareness of the landscape is the awareness of a “tragedy installed in this notion of landscape”. Culture is, in that sense, a tragic issue.

This is not new, as it is a topic of the pessimism that developed in the early 20th Century. It is therefore important to acknowledge that culture is set on a tragic background.

Culture is sensed today as a museum, and our regard instantly performs the museification of the landscape, where inhabitants loom as mere decorative figures; this is a generalized tendency in those who work within the sphere of culture, the “culture employees”, who through their “cultural regard”, museify reality in an exercise of objectivation, and therefore of symbolic violence towards the other.

The Ecomuseu [Eco-museum], the Territory Museum, etc. represent this tendency to crystallise the landscape. We also know that the current concept of culture is semantically too comprehensive and undifferentiated; culture has thus become an “obese, cancerigenous thing”, i.e. everything is culture, which is to say that, logically, that nothing is culture. At this point, António Guerreiro stated that this polysemic expansion of culture into every domain has caused

the proliferation of strategies for the defense of culture, of which the “cultural exception” (France)⁷ is a paradigm in European cultural history.

Yet, in spite of this “logic of exception”, it is increasingly evident that culture is also unequivocally a cultural commodity itself, and this is the concept we must deal with. At the origin of the notion of “cultural exception” are criticisms from the Frankfurt School, namely in the theses on the “culture industry” by Adorno and Horkheimer, where we find the confrontation with the cultural homogenisation that resulted from the appearance of a mass culture subject to the laws of economics, originating an “aesthetic barbarity, the aestheticization of the world and generalized culturalization”.

António Guerreiro therefore intends to draw our attention towards the context in which the cultural sector functions today, of which we are all part, a context of generalized de-politicization where culture is seen as a political instrument of social consensualization. This form of “bad conscience towards culture” and towards “cultural development”, although it reveals we are not innocent, should be turned into a critical conscience.

One of the impasses in this issue is that we face the paradox that “when we defend culture, we simultaneously kill it”. Social consensualization therefore appears where political division used to stand. The cultural consensus, as a consensualist paradigm, equals the triumph of economic management, and is one of the factors leading to the de-politicization of society. Therefore and “ultimately, we have no policy, but mere management”. The “homo culturalis”, a new “human species” that presently uses culture as a device to appease tensions, operating within democratic normativity and pacifying by cultural reduction. We are appeased by the idea of culture, patrimony, landscape, and by a cultural “good conscience”, fluid and amorphous, according to the Marxist expression that “all that is solid melts into air”, just like the objectivated sublimation of the landscape.

In sum, when reflecting on issues such as culture, development and public space, one must have a critical conscience of the aporias we face and of our work in this field. The speaker still argued, alluding to a posthumous excerpt from Nietzsche, that “if we believe that culture has a purpose, than we will soon mistake everything that has a purpose for culture.”, that culture should be taken as useless from a standpoint of economic rationality, otherwise it will always be dependent on what studies and reports on the value of culture designate as culture, that is, economically viable culture.

Ana Paula Amendoeira positioned the debate on the historic origins and evolution of the relation between culture and development, focusing on the topic of her presentation, “Culture and development: aggiornamento of an unbeatable combination?”

In the period between the two World Wars, the UNESCO had a fun-

7 On the history of the “exception culturelle”, please see http://www.lemonde.fr/culture/article/2013/06/27/histoire-d-une-exception_3437990_3246.html

damental role in the construction of a cultural worldview and in the plan-
etarization of the notion of culture, under circumstances where American
mass culture acquired protagonism and hegemony over classical European
culture. Cultural relations have since become a geopolitical instrument, that
sees culture as a means to “achieve peace among Mankind” and the construc-
tion of a new world civilization based on the cooperation between peoples.
Post-colonial world culture was therefore required to include the issues of the
patrimony and cultural diversity of the different regions and peoples, whose
protection was key.

In this context, where the notion of patrimony emerges clearly in ac-
cordance with the American vision and patrimonial policy, the modern theory
of conservation appeared, acquiring a consensual structure in the “Venice
Charter”⁸, that persistently uses the notions of monument and historic monu-
ment. It is under the direct influence of the United States that the notion of
patrimony appears and consolidates both in the western and global lexicons.

The implementation of the Marshall plan on European ground facilitated a
certain cultural worldview influenced by Fordism and applied to every dimen-
sion of life, as well as a notion of culture linked to the free circulation of ideas
and information. Later, the cultural industries of American hegemonic nature,
promoted the serialization and standartization associated with mass culture. A
fact that, within the context of the UNESCO, demonstrates the control of its
cultural policies by world powers, namely the U.S..

Regarding the historic evolution of the notion of development, its first
institutional usage was by president Truman, in a speech in 1949, during the
Cold War, as a direct attack on the influence of Communism in Europe. Objec-
tively, these notions of modernization and development had as their goal the
westernization of peoples considered to be underdeveloped, ignoring their
culture beyond folkloric aspects. In this context of the enforcement of the
notion of development, a new hierarchical order was clearly defined, subjugat-
ing less developed countries to its models and patterns of cultural consump-
tion. Therefore, traditional societies were expected to have increasing levels
of available means, equipments and contents originated by cultural industries,
namely an increased consumption of cinema. The UNESCO adopted, without
any debate, this vision of development and modernization, originating the first
decade for development, in the 1960s. In the 1980s, the emphasis was placed
on “cultural development” within the framework of the UN/UNESCO, but
some of the terms deriving from Fordism were still applied to the areas of
culture and patrimony.

The notion of world patrimony, as opposed to historic monument, is a
heritage from the American vision that was made dominant as a hegemonic
policy supported by international cooperation. In 1965, the proposal for the
creation of the *World Heritage Trust* was presented, aiming towards creating
a safeguard and conservation fund for world patrimony, namely in developing

8 <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

countries, that would later lead to the expansion of the international touristic market.

The successive *Aggiornamento* of the notion of development recently continued with the *Club of Rome*, and the *Brundtland Report*⁹, the magical formula for sustainable development, that, along with culture, would become the perfect panacea for the problems of capitalist domination. Therefore, if “development is social, cultural, sustainable, durable... everything changes and our hearts are at peace”. Therefore, the unbeatable combination of culture and development was integrated by creative industries, where the economic dimensions of culture and the cultural dimensions of economy are closed in a perfect circle. Interestingly, critical thinking was never part of the premises for these notions of development and modernization, as if there were no conflict and no other ways of thinking. Yet, the critical dimension of culture is important in contemporary societies, as we can observe in the episode that involved maestro Riccardo Muti at the presentation of the *Nabucco* opera, where he delivered a brief critical speech against the budget cuts in culture, with the presence of Italian prime-minister Berlusconi.

9 http://pt.wikipedia.org/wiki/Relat%C3%B3rio_Brundtland

PANEL 2

CULTURE AND PUBLIC SPACE

COMMENTARY The theme for this panel allowed for the three interventions to complement each other at the various levels of the concept of an ideal of urban life. If public space is supported by a material and historic infrastructure that coincides with the construction of

the city throughout time, to that material level we must today add a new layer, of a more ethereal nature, propagated by new communication technologies, that constitutes the communicational public sphere.

One of the most consensual notions in this panel is the consideration that public space is the appropriate space for expressing political agonism and the confrontation of ideas. In this sense, the vision of Jürgen Habermas is corroborated; common sense should be produced by the debate of worldviews, not by any aesthetic or political consensus pre-imposed on the public sphere. As the city and public space are led and built by the most varied interventions in each age, it is today essential for their effectiveness that civic and cultural diversity are defended and promoted, along with the equality of access to common resources, namely to the available symbolic and cognitive capacities. Only then can we expect that the cultural practices of citizens to be developed and inscribed in accordance with the needs and interests of each social group.

Yet, we cannot ignore that there is still the factor of political power(s), that, in the form of municipal public administration, have been concentrated¹ rather than - as it should happen - distributed by the various local actors, ensuring a relational local administration. Although it was not explicitly mentioned by the participants in this panel, the importance of social and technological networks in the number of possible urban practices is implied.

The urgency of renovating or re-inventing public space is often felt in many of our small and medium sized cities, as these are the places where proximity and the sense of presence become most evident. Yet today this task is of an unprecedented complexity, and appears in the confluence of several crises that afflict not only the city, but also wider geographical scales such as States and transnational regions. When we ask ourselves where to begin when

¹ See, for example, the notion of “caesarism” (absolute power of the Mayor) as conveyed by sociologist Juan Mozzicafreddo.

taking action for the transformation of social conditions (cultural, political, economic,...), namely regarding the “right to the city”² (to make cities) and to culture (to produce cultures) - always in the plural - we must recall urbanist Henri Lefebvre’s suggestion:” The first thing to do is to defeat the current dominant strategies and ideologies”.

SYNTHESIS OF THE CONFERENCES The second panel was moderated by **Celestino David** (President of the Grupo Pró-Évora), and the participants were **Fernando Pinto** (Architect): “Public space - a dynamic foundation for citizenship” ; **Aurelindo Ceia** (Designer): “The political dimension of design in the conception of public space”, and **Frederico Pompeu da Silva** (Designer and Illustrator): “Inscribing the citizen in the urban area - perspectives on projects in design”.

Fernando Pinto began by stating that at the origin of urbanism and the construction of cities was the intertwining of roads, that posteriorly led to the debate of ideas, and subsequently to the notion of city. The first structure of a city was the Roman configuration for military settlements, mainly due to its cross-shaped geometrical pattern, formed by the *Decumanos* and the *Cardo*. This configuration can still be found today in Lisbon’s Pombaline Downtown. One of the most important aspects of these urban structures are the public squares and *rocios* (the people’s lands), that inherit the concept of the Greek *Agora* and the Roman *Forum*: places of freedom of speech, forums of citizenship and democracy, therefore always located in the center of the cities, for the street is the privileged place for expressing freedom and exercising citizenship. That does not imply that the location of centers hasn’t shifted with time. The case of Évora is evident: since the *Roman Temple*, moving on to the *Giraldo Square*, and the *São Brás Rossio*, the centre kept descending in the city’s altitude. The Rossio is, by definition, “the people’s space within a city, although most cities have already exterminated their rossios, due to the voracity of private use of privileged areas, or the folly of symbolic use of these areas.”

Today, we can verify that the planned city, when giving in to personal or private interests, loses its convivial and cultural spaces, and along with them the dynamic they provide to the city. Ultimately, “the city is impaled and its impending death is decreed”. The *Speaker’s Corners*, inspired by the English experience, are places where citizens gather to exercise their right to free speech and citizenship. In that sense, “the conquest of the street” is one of the most important conquests of the “carnation revolution” of 25th of April, 1975. Not just the street in its literal sense, where demonstrations take place, for

2 “The right to the city is not simply the right to what already exists in the city, but the right to transform the city into something radically different. When I look at history, I see that cities have been governed by capital, more than by the people. Therefore, within that struggle for the right to the city, a struggle against capital will also take place.”

example, but also the walls as vehicles for public expression, namely in murals conveying political messages.

In sum, the street - the public space - is the paradigm for freedom, democracy and citizenship. However, the street is not a mere peaceful space, it is also a space of survival and confrontation with power. In fact, there are currently several examples of how that confrontation with police forces degenerates in violence upon citizens; in Portugal, in Brazil or in Cairo's Tahrir Square. One must keep in mind that these spaces can be taken away from citizens in several ways. One of those is by constraining those who wish to use the streets, another is by occupying that area in such a way that the only space left is for automobiles. Be that as it may, we must not abandon the essential notion that the right to the city belongs to the citizen; it is the right to exercise citizenship. Public administrations must promote public fruition and facilitate the dynamics of the various possibilities of using public spaces that "are the first essence, the most dynamic base for citizenship and as such, for the identity and culture of a people".

Aurelindo Ceia began his intervention alluding to the tension experienced by the writer when facing a blank page - which, in the case of "poetry, music, painting, is silence - but not in design or in architecture. The blank page of design and architecture is the city, and the city is the opposite of silence". This means that any intervention, either material (urban design, architecture....) or immaterial and symbolic (culture, politics, communication,....) must start off from what previously exists, acknowledging the available historical information and social memory. There are therefore two fundamental dimensions to consider when "making city", for "when the uses emerging from a certain city design merely involve a practical utility, they quickly lead to indifference and trivialization. One must simultaneously consider an affectional background: to value the symbolic utility". Still, in multiple situations, we can observe "an excess of pretentious "architecturitis" (...) and in post-modern design an excess of misplaced "aestheticization", that deviates design from its true field of artistic expression - that in which aesthetics is the consequence of the social adequation of artefacts, not the artificiality of shapes".

The public space (in cities) is saturated by an ornamental compulsion, and a standardization of behaviours is used by the various powers as a way of conditioning the quotidian, desire and freedom. In the current public sphere (of communication), the internet shapes a "global village" that "seems to amplify the space for freedom and affirmation, but instead ends up limiting and encoding freedom of speech and plurality of thought, enforcing a form of planetary uniformity".

The design that can conceive culture and public space is that which bases its practices on the various dimensions of sustainability: economic, environmental, social and affective, and that can value the process and not just the object; in sum, a political design. But in our days what is, after all, asked from design? Again, "to behave, don't ask questions, simply provide answers where

requested, to be cosmetic and induce happiness". Design is then confronted - when the issue is to think and design the city - with a "dominant ideology based upon the concept of ephemeral "happiness" whose processes do not cease to develop". What becomes of the "political dimension of design, when conceiving the public space"? Firstly, it provides a critical view of the current *status quo*, but it also assumes, along with the political dimension, its "expression as poetics of form and function, its ethical dimension and the need for research - that is, design as art, bound to programming and to social scrutiny. It is then possible to value the importance of visual communication, "without stepping over the ruins of the word, but in awareness that the image replaces, often brutally, the very reality it records".

Aurelindo Ceia thus defends that in a context of cultural dilution and globalization, the "local" must be valued (as Miguel Torga said, "the universal is the extended local"). This implies not to devalue the potential of a universal language, but to acknowledge and communicate the plurality of identities. Therefore, it matters how we materialize the forms that express the values and power of real democracy. When we say "transformative cultural policies", we must include the need to value a form of humanist thought, that realizes that the sense of transformation cannot be overpowered by the current hegemony of "innovation". And yes, we must include economy and the market in the equation, but as "a response to the actual needs of the people, not as an end in itself that only deals in the accumulation of technology and capital by financial oligarchies".

Frederico Pompeu da Silva based his presentation on his Master's dissertation, specifically on a project about the city of Guimarães developed in the context of the 2012 Capital of Culture. A quote by Joseph Weizenbaum informs us that the machines developed and used by mankind tell us a lot about ourselves: "by facing its creations, mankind faces itself, and the world as we perceive it. Certain discoveries have definitively changed the way mankind regards the World. There has been a gradual distancing from the natural rules and rhythms, that culminated in the construction of spaces where the flow of things is decided and planned by Man: the cities".

More than defining the city by its physical aspects: roads, boundaries, neighbourhoods, intersections and landmarks (following Kevin Lynch's approach), what matters in this case is to "think the city through its flows and through the identity and memories of its own inhabitants, that are mirrored in it". In this context, the public square is of extreme importance, as a medium for the intersection of the various identities who inhabit the city. It is therefore necessary to conceive the city as a "potentiator of interactions that is permanently in strain". But the city is also, according to Roland Barthes, a writing where citizens or passers-by behave as semiotic operators.

The cities, in this liquid society of diffuse values, is therefore not subject to a "single thought", or to a prevailing moral. Cities are, from here on, the result of overlapping memories, reuses and adaptations of material elements

and “this fluidity is translated into the diffusion of frontiers and the proliferation of their inherent cultures” Cultures are mixed and mutually influenced, apparently originating a process of homogenization, from which the main risk to arise is the decharacterization of spaces”. Culture can be considered as set of ways doing things and ways of acting (rituals) that are taken in relation to the situations and demands that arise from the various specific social strategies. Therefore, in contemporary cities, beyond memories and representations, there are also the most varied cultural expressions.

Globalization is not just a homogenizing phenomenon, “that more than levelling society, seems to offer a common database to all of those in it, presenting new opportunities and possibilities”. The fact that it is associated with an essentially economic component compromises its potentials, by subverting and manipulating the masses, who are already in a state of disorientation that is made worse by the excess of existing offers. This economic logic behind territorial competitiveness currently prevails, originating a strong presence of branding, causing the production of “a forged identity, to which citizens cannot relate, although it is based on the hyper-individualism that is reinforced by economic power structures”. This gap between an identity that was built by marketing and the city as it really is, can be as powerful as what is known as “Paris syndrome”³, found mostly in asian tourists, who are afflicted by fatigue and indisposition due to the discrepancy between the touristic image and the actual Parisian experience.

We therefore have a bipolar city. On one hand, the city that is affected by globalization and financial capitalism, with its anti-welfare-state quests; and on the other, a social hyper-individualism which is - although it sounds contradictory - facilitated by relational technologies (new media) that promote a certain notion of community based on the idea of a “collective intelligence” that seeks to materialize while simultaneously thriving in the cyberspace of a virtual world.

In spite of the hyper-technological tendency for the use of virtual public space, we also witness an increased activism in the real public space, somewhat visible in some *street art* or in actions such as *guerrilla gardening*⁴, that seek to operationalise collective tactics for urban interference. When there are new possibilities such as virtual spaces or shopping malls, and when personal and professional lives are under constant pressure and scarceness of time, how can we get people to use conventional public urban spaces (squares, streets,...) as places for higher interaction, thus leading to the inscription of the citizen into the urban environment?

3 http://en.wikipedia.org/wiki/Paris_syndrome

4 <http://www.guerrillagardening.org>

PANEL 3

CULTURE AND TERRITORY

COMMENTARY The three participants in this panel clearly converged to the central dialectic in the issue of Historic Centres. On one hand, there was a gradual process of exodus during the last decades; both people and activities have abandoned

the Historic Centers and moved to peri-urban areas, leaving countless properties vacant, that constitute an opportunity for new functions and uses - these properties have already been charted by municipal services. On the other hand, there is an “invisible” myriad of organizations and social groups in need of spaces for the creation, research and display of their artistic, cultural, scientific, philosophical, critical, speculative and other activities.

Therefore, we are in the presence of an ideal “market”; there is an offer of vacant spaces (opportunities) and a demand (cultural necessities); however, a proactive, assertive mechanism to allow for the values of opportunities (vacant properties) and of cultural usage to converge is yet to be implemented, allowing for that convergence to produce a sustainable and consistent urban dynamic. This mechanism already exists in some European cities, and has been used in a number of formats. Its key role is to facilitate and mediate the interaction between property owners and proponents, which can and should be established by a municipal public service (bureau, urban division, culture division,...) or by a “consortium” including local organizations and property owners. The processes of facilitating, mediating and supporting the installation of cultural projects (*sensu lato*), as long as they are implemented democratically and transparently, taking into account the diversity of interests and agents, can become part of the solution for part of the problems of Historic Centres. Let us not deceive ourselves; culture is not the universal panacea for the problems of contemporary societies.

SYNTHESIS OF THE CONFERENCES The third panel was moderated by **Luis Cavaco** (Director-General of ADRAL - Alentejo Regional Development Agency) and had the participation of **Eduardo Miranda** (Architect): “Historic Centres - Buildings, Living Experiences and Perspectives”; **Jorge Silva** (Architect): “The value of new spaces permeable to cultural intervention”; **Margarida Cancela d’Abreu** (Landscape Architect): “Urban-

ism as a driving force for culture and development” and **Cláudio Torres** (Archaeologist): “Cultural action strategies in territory: research and knowledge serving the common good”.¹

Margarida Cancela d’Abreu began her presentation by delivering a broad concept of culture and development, defining, in general terms, how urban occupation should be implemented - in a positive way - and which spaces are appropriate for such occupation. Before addressing urbanism, one must consider a form of territorial planning that is “conscientious and equates these issues in an integrated way, selecting the spaces that are the most adequate for urban functions - most comfortable, less expensive, most pleasant”. It is also necessary to take into consideration that there are spaces that should not be subjected to urban occupation (farming, ecological, patrimonial and recreational spaces). With regard to urbanism, its quality largely depends on the cultural qualifications and capacities of the public, since “making city” is in itself a cultural, technically informed action. Therefore, urbanism, unlike planning, should not be “centralized and impositive, but rather local and participated; urbanism has an enormous power and a strong responsibility in ensuring relevant aspects of culture and development, such as inclusion, social cohesion, accessibility, conviviality and sharing between different social and age groups”.

In this context, some warnings were issued: on one hand, the need to ensure that spaces are multifunctional – thus avoiding social and functional segregation – but also that they have no strictly defined functions and are flexible, open to creativity and to plural appropriation by interested citizens. Another warning is the need to prevent that spaces that are traditionally open for unrestricted public use are appropriated by private entities for other uses, usually of a commercial nature. In either case, the participation of residents or citizens who will use the spaces in the elaboration of urbanization and detailed zoning plans is imperative. For that to happen, however, municipalities must reconsider the way projects are publicly presented and discussed, and opt for newer, more effective forms of visualization and communication.

Regarding environmental quality, the landscape architect defended the key role of water tables in the city. Other factors that provide well-being to populations - what Jan Gehl refers to as *livability* - can be as diverse as “feeling healthy, physically and psychologically, sensorial pleasure, comfort (air quality, sun exposure, cleanliness, quietness, available space and functional transportation), safety, feeling of fulfilment, variety, freedom of choice, balance between privacy and conviviality/sociability, skylines and views”.

The cultural dimension of public space, with its occasional activation with cultural, recreational, pedagogical or creative activities, for joy or for enriching the life of populations is essential today, when we consider that “Man can only

¹ Archaeologist Cláudio Torres’ public intervention was included in Panel 1 (see video) for scheduling reasons. Yet, the synthesis of his intervention was included in Panel 3, as its topic is directly related to this panel.

by completely human when he plays, when his actions are the expression of freedom, and the expression of himself. The creative use of leisure time, unconditioned, is an opportunity to grow, experiment, develop intrinsic abilities, or for simple sensorial enjoyment. Especially when there is no one to tell us what to do with our leisure time”.

In reply to a question from the audience about territorial planning policies, the speaker stated that Portugal has some of the best urbanism laws in Europe; the problem is that they are full of loopholes and exceptions, that have allowed municipalities to be the subject of immense pressure from the real estate sector, with the negative results that can be seen on the ground.

Jorge Silva began by reinforcing the need for water points in the public space, but regretted that during his vast professional experience many of his own public projects related to water have later been rendered non-functional and dry. It is, for the architect, a mystery for which he has yet to find an explanation. He then addressed the relation between territorial planning and cultural urban dynamics, namely those taking place in historic centers.

There is a traditional vision and application of territorial planning policies that aims to be determinant in finding spaces for cultural activity. However, it is intrinsic to the nature of culture that “such a mechanistic relation is not found, as the factors that energize the social life of the communities who inhabit the cities and consequently determine their cultural life are varied.”. When determining cultural spaces, the sociocultural and creative dynamics that burst through the city are more relevant than planning. Therefore, the “institutional vision that planning should determine their existence is impoverishing and unrealistic”. Still, it is imperative to understand that this is not always the case, since there are projects for institutional equipments that require an administrative strategy, and consequently, the elaboration of plans in advance - consider large cultural equipments such as the Guggenheim museum, in Bilbao.

There are therefore two models in the relation between culture and planning, one from the bottom-up, more common due to the sociocultural dynamics of the cities; and one from the top-down, seldom found in the life of the territory - exceptions that cannot be repeated in the short term - that usually depends on political or economic impositions on the territory. Even if the proximity approach, in tune with the city’s daily needs and the plurality of citizens, makes perfect sense, both from cultural and planning standpoints, it has not effectively been “determinant in intertwining territorial planning and cultural expression”.

In the past decades, the rhythms of conviviality and consumption patterns have significantly changed urban life, removing from the cities’ centres functions of commercial trade and sociocultural interaction, that were displaced towards the periphery. This emptying of urban centres proves to be problematic for culture, since “cultural initiatives cannot thrive due to the reduction of interactive networks with other activities”. How can we counter this tendency for desertification in the cities’ centres? One of the possibilities mentioned

above is promoting a “proximity approach”, listening to and acting in accordance with the daily needs of the city and the plurality of citizens.

As paradoxical as it may seem, in the constrained horizon we face, there are new cultural, artistic, scientific and creative interests these days, both in young and less young people; one must simply listen and monitor the quotidian in its multiple identities, interests and niches. The potential for informal and ephemeral appropriations of vacant properties is enormous. But today these occupations are only viable with the consent of the owners. That consent can be obtained “by an assertive administration of urban rehabilitation. And the urban fabrics would greatly benefit from the generalization of the renewed - even if temporary - use of vacant shops, warehouses or housings”². The notion of network is fundamental in pursuing this goal concerning urban vitality. In any space, and at any moment, there may be an intervention “that will be as consequent as the integration of knowledge, residents, owners and promoters, actors, participants, and as long as its continuity as a process”.

Eduardo Miranda began by presenting a gradual diagnosis of Historic Centres in general, highlighting their progressive emptying, along with the different problems they face, namely the fact that they are patrimonial areas, protected by the law, and the difficulties that exist in adapting to the demands of contemporary life. Still, Historic Centres can remain as functional centres of cities and maintain a cultural and symbolic centrality, since that possibility derives from their vocation of welcoming cultural activity throughout history. In this case, the urban administration of the city must have as its main goal the preservation of multi-functionality, and for that, the preservation of residents is fundamental for the balance and vitality of Historic Centres and for the preservation of other functions. There are, in the urban morphology of Historic Centres, certain characteristics that favour the hosting of cultural activities, such as: “the compactness of the old city, the contiguity of buildings; a clear hierarchy of public buildings and a differentiation of private spaces; the spatial richness, the heterogeneity of buildings, the void/filled relation; the functional variety and intensity of public spaces; spaces of encounter and sociability”.

As for the city of Évora, for the past two decades, the functional structure of the city has become increasingly complex; commerce and services have been disseminated in the urban area, and the functional variety is currently evident in various urban sectors of the outskirts. The distribution of commerce and services is characterized today by the complementarity between centre and periphery. Eduardo Miranda produced in his presentation various data and statistical information relevant to current urban knowledge, namely the city’s demographics: the central area resident population was counted at 4738 (in 2011), which represents a little more than 11% of the urban area population. In the Historic Centre two negative trends are present today: the decrease

2 Jorge Silva provided some examples of websites dedicated to the re-use of vacant properties: <http://www.tretas.org/PrediosDevolutosLisboa> ; <http://resdochao.org>

of resident population, and the decrease of commercial establishments and services of central functions.

Another component of the information presented accentuated the perception of underutilization of edified property, which means that there are “spaces of opportunity”³ and the need to take advantage of that opportunity, as stated by architect Jorge Silva, for new uses, more ephemeral or definitive, of these spaces. One of the administrative measures in force is the Évora Historic Centre Management Plan [Plano de Gestão do Centro Histórico de Évora] (2009), that includes several specific goals, such as: “the safeguard and promotion of architectural and archaeological patrimony; the preservation and promotion of the traditional city’s pluri-functionality, through a revitalization strategy; the preservation and attraction of residents to the Historic Centre; the promotion and modernization of traditional commerce creating the framework for the development and qualification of the Historic Centre’s university facilities; developing and modernizing public equipment and the infrastructure network”. The City Hall architect also presented, as an example of a functional programme, the “Programming Guidelines for the Arts Centre Concession”.

Cláudio Torres began by sharing his experience in archaeology, that started over thirty years ago, in Mértola. In an early stage, interventions in this parish focused on sacred art, in an attempt to rescue the artisanal religious statuary, mainly from the 18th Century. During these first preservation and restoration actions, he managed to accumulate the estate for a museum, and to assemble a team who worked with sustainable methods. The work continued with the rehabilitation of chapels, and patrimony and territory were gradually addressed, first through religious art, and only later through archaeology.

Archaeology, the speaker emphasised, is a different form of History, that is unwritten, but where the traces of civilization constitute important information. One of the advantages of archaeology is that it provides us with access to the material dimension of the past, its patrimonial legacy and the farming culture of the territory where, for instance, one can tell apart different types of agriculture in the small estates of the former settlements of the Alentejo mountain range. One of the most important clues in archaeological prospection, as an indicator of the existence of a village is the well, because “if we find the well we find the village”. And from there the excavation develops until the structure of the vegetable gardens, the crops and consequently the main components of the late medieval diet are found.

In these territories we can easily understand that the landscape results of constant human intervention, moving rocks, redirecting creeks, digging the fertile land, etc.. Those are the ancient techniques and know-how that we must get to know and acknowledge, for they are a today a fundamental piece for understanding the relation with land and agriculture. One of the results of

3 “Spaces of opportunity: Public and private buildings, vacant or underutilized; Monuments and noble buildings; common vacant or semi-occupied buildings; Former warehouses; Open spaces.”

archaeological research in Mértola is the conclusion that the autochthonous civilizations of this territory are the Mediterranean and Berber civilizations. These civilizations are the ones who have inhabited (and still do) the South of the peninsula and the North of Africa for the longest period. Tunisia, Algeria and Morocco, along with Mértola, created a network that currently studies the Berber peoples and southern cultures.

Presently, Mértola is afflicted by diminished population density due to the exodus of residents, and in this context we must find ways of retaining the population and attracting new residents. And scientific research can contribute. The 25th of April revolution was important in this area, as it allowed for the update of a certain form of municipalism, something that was after all present for centuries, and was, as we know, decisive in the political, identity and administrative organization of Portugal and of the Iberian Peninsula. However, it is clear today that municipalism is under attack by centralism, by the demands of bureaucratic control, and with that a certain notion of territory, decisive in the identity of the residents, is lost. And yet, that collective territorial identity is fundamental to an idea of cultural patrimony, and should be reinstated to contemporaneity.

PAINEL 4

CULTURAL INTERVENTION EXPERIENCES

COMMENTARY This panel reveals that there are indeed individual motivations for the metamorphosis that is needed in the cultural sector. All the intervenients have expressed that impulse. However, the current Portuguese context - diagnosed as atomized and lacking critical

mass - seems not to favour the emergence of a sustained network, This network would be responsible for the collective administration of common goods and resources, and it is a necessary factor for the outbreak of the “butterfly effect”, i.e., a contagious effect regarding the political urgency for the city (municipality) to critically reform its cultural dimension as an integral axis of a vision of sustainable (human) development.

In practical terms, and facing a system that proved to be unable to address its vital problems, only public and political concertation between cultural actors and agents - of educational, economic, social, scientific, artistic and technological nature - can mobilize the expression and empowerment of a vox populi that is capacitated and motivated to defend a different vision for the future. This means that only by reintegrating the common (political) dimension in a radical way, that is, by critically analysing the root of the problems, can we redefine a cultural policy designed to transform the conditions inherent to cultural practices and experiences.

Generally, this means that without collectively developed public cultural policies, there can be no cultural practices to match the expectations and needs for the capacitation and empowerment of citizens. This does not mean - quite the contrary - that the rhetoric plane of politics, debate and production of strategic documents will suffice. In this sector, as in other sectors of public policy, it is urgent to articulate public resources in favor of a systematic and persistent right to the participation in the construction of common policies, but also to the creation, production and fruition of symbolic assets.

It is however clear that this demand for the distribution of power (relational power) is currently facing opposing trends, namely the fascination local administrations hold towards the competitive spectacularization of territories, mobilizing part of the civil society’s energies towards a space of passive consumption, in a logic of entertainment and uncritical identification, therefore disfavoring a logic of capacitation for critically reflected intervention in the

social fabric. However, if we observe the principle of constitutional and popular sovereignty, we can aim - provided the existence of spaces and processes for public participation in the city's life, along with their concerted articulation - for better odds in the creation of concrete and effective proposals for the transformation of cultural policies.¹

SYNTHESIS OF THE CONFERENCES This panel was moderated by **Rui Matoso** (Cultural manager and programmer), and had the following participants: *Fundação Eugénio de Almeida* (FEA) - **Maria do Céu Ramos** (Secretary-General of the FEA); *Centro Hércules - Universidade de Évora* - **Cristina Dias** (Deputy Director); *Sociedade Harmonia Eborense* - **Miguel Pedro** (Member of the Board); *Centro Dramático de Évora* - **José Russo** (Director of CENDREV); *Espaço do Tempo* - **Rui Horta** (Artistic Director).

Maria do Céu Ramos delivered an institutional introduction to the *Fundação Eugénio de Almeida*² [Eugénio de Almeida Foundation], and presented the foundation's long term strategy regarding its relation with the Évora's municipality and the region it is inscribed into.

Private foundations, according to her view, can only pursue their missions within a perspective of economic sustainability, independently and autonomously, but in a spirit of collaboration and partnership. The mission of the foundation is to develop Évora region, not only in its cultural dimension, but also in social, educational and spiritual areas. The cultural sector is, nevertheless, one of the foundations fields of intervention by excellence. The foundation, through a gradual and reality-based action, has as its goal to generate "positive transformative impacts", and this goal is achieved through partnerships formed within multipolar networks.

The history of the foundation, since 1963, has gone through some troubled periods, namely between 1974 and 1975, when its facilities were occupied, and it has since been able to recover its estate and economically rebuild itself. The *Eugénio de Almeida Forum* is the foundation's new space, and was created in 2001. Ever since, the foundation has been developing an intense cultural programming, that resulted from partnerships with national and international institutions of reference, organizing exhibitions for renowned artists, conferences, debates, among other artistic and sociocultural activities. The foundation has since acquired the Palace of the Inquisition, where the new *Eugénio de Almeida Forum* was instituted. It was inaugurated in July 13th, 2013.

One of the foundation's axes of intervention is the field of cultural patrimony, from which the intervenient highlighted the production of the systematic inventory of sacred art pieces from the Évora archdiocese (painting,

1 Other reflections and essays on this subject can be accessed at <https://grupolusofona.academia.edu/ruimatoso>

2 www.fundacaoeugeniodealmeida.pt

sculpture, altars, jewelry...), that identified 24331 pieces in 24 districts and 158 parishes. This inventory is now complete, after 10 years of work. In a second intervention, speaking on her personal behalf, the speaker made a critical diagnosis regarding the existence of a small and weak State, that reflects an equally weak civil society. A society that produces only spectators and passive beings, incapable of critical reflection and aesthetic and ethic inscription.

Cristina Dias gave an overview of the *Laboratório Hércules*³ [Hercules Laboratory - University of Évora] -, located at the Vimioso Palace, since late 2009. It is an interdisciplinary laboratory, that involves participants from sciences and humanities.

The philosophy of the laboratory concerning the analysis of art works is to start off from a question (or more) provenient from archaeology, history or art history. What the laboratory does is to investigate the materiality of cultural objects, attempting to answer that question. According to the speaker, this laboratory is one of the best european institutions of its kind, for it is one of the best equipped for the type of analytical techniques used (reflectography, diffraction, infrareds,...), and four million euros have already been invested in equipment. Apart from laboratory analyses of art works, the *Hercules Laboratory* has had a proximity role with the most varied institutions in the sector of cultural patrimony, collaborating in loco in the conservation and restoration processes, thus promoting its fruition by populations, and returning the patrimony to society.

The speaker called for good practices in conservation and restoration in order to avoid the depreciation of cultural patrimony and posterior damage. The *Hercules Laboratory* has always been available to collaborate with and to support the entities of the Évora municipality, responding to the requests from the “local culture’s living forces”. Yet, it does not limit its action to the region, as being part of international networks of scientific cooperation is always an asset for any Portuguese institution. Another area of intervention - and one of the laboratory’s three units, is the promotion of its activities with the younger public, particularly in collaboration with educational institutions, where multiple initiatives take place during the school year, inactivating students to experiment with research techniques. In this field, projects have also been developed in partnership with the *Ciência Viva* [Living Science] programme.

Miguel Pedro, representing the *Sociedade Harmonia Eborense*⁴ [Évora Harmony Society] (SHE), delivered a brief incursion into the history of the institution and its relation with the city. Located in the Giraldo Square, at the the old Estaus Palace (or Royal Roadhouse), its origins date back to the 19th Century. It was founded in 1849, during an age when an elite constituted by the urban “petit-bourgeoisie” was flourishing and whose influence was felt in

3 www.hercules.uevora.pt

4 <http://soc-harmonia.blogspot.pt>

the cultural world. The *Sociedade Harmonia Eborensis* has promoted a wide range of activities, but has kept music as the main element of connection with its members.

During the turn to the 20th century, the *Sociedade Harmonia Eborensis* assumed a very relevant role in the city, in spite of the fact that women were prohibited to take part of its social activities, and that it was an environment exclusive to the men of Évora's elite. Today, one of this society's fundamental features is its important documental collection, along with its library, composed of historical and rare volumes. During its 165 years of existence, it has gone through various political periods of Portugal's history: Monarchy, the First Republic and the Estado Novo [New State dictatorship]. In any of these stages, it is hard to understand whether the society had a role of complicity with each regime or not. The fact is that "there is evidence of a certain republican character to the society"; there is an emblematic play, *O Gato Vermelho* [Red Cat] - staged by the *Grupo Dramático da SHE* [the Society's Drama Group] - that critically assumes the conflict between republicans and monarchists. During the Estado Novo, and the consequent cultural repression, the society observed a decrease in its artistic activities, and assumed other functions of a more recreational nature (dancing parties, charitable quermesses,...), distancing itself, however, from gender conservatism, by widening its base of social participation to the whole family. After the 25th of April revolution, the society entered "a sort of decline, with routine, decadent activity", and was again masculinized.

In a later period, after the 1990s, the university's student community attempted to appropriate the society's spaces, by gradually integrating its administrative bodies, replacing the former generations of directors. The students of the University of Évora brought along a new idea of culture, and new artistic practices, thus transforming the landscape of the cultural offer presented to city by the society, with an increasing involvement of a younger public and creators.

José Russo began by pointing out the importance of gathering the necessary conditions for the materialization of some of the ideas that came up during the series of conferences. He then delivered a presentation focused on the more structuring aspects of the CENDREV⁵ experience.

CENDREV originated with the arrival to Évora of a group of men and women from the theatre professions on January 2nd, 1975, who settled in the "beautiful *Garcia de Resende Theatre* (TGR), whose use had been granted by the City Hall, through an agreement between architect Bagulho, the President of the municipality's Administrative Commission and director Mário Barradas, who was responsible for the project. They agreed that the theatre - that at the time of the 25th of April of 76 was a garbage storing facility for the city - would become, from the date agreed, the headquarters for this

5 <http://www.cendrev.com>

project, that constituted the foundation for cultural decentralization in the reborn country.

Although a cultural policy for the country is still inexistent, the state of Portuguese theatre today comprises a set of projects operating outside Lisbon and Oporto that have become, throughout the years, true centers for the promotion of the cultural life of cities and regions. Alentejo “is a rural territory with an important cultural value that we have the obligation to preserve and dignify”; but there is undoubtedly the need for a structuring long term policy that can contribute to the retention of local population and promote the arrival of new residents. However, we currently survive under the perverse logic of depriving communities of the elements necessary for their survival (public administration, courts, schools, clinics/hospitals).

The CENDREV commemorated, in January of 2014, 39 years of artistic creation, theatrical training, and administration of the centenary *Garcia de Resende Theater*; it is responsible for the reappearance of the *Santo Aleixo Puppets*, and has organized since 1987 the Évora Puppets International Biennial (BIME). In the current global austerity context, and while funding for culture remain low, it will not be possible to carry out its public service role with dignity. Therefore, the democratization of culture, a principle inscribed in our Constitution, will be perpetually postponed, and the correction of regional disparities will be “blocked by the negative discrimination that Alentejo and other regions have suffered from throughout the years”.

Rui Horta started out by stating he would not deliver a politically correct presentation, as he feared this would become a debate like so many others. He therefore chose to attempt to answer the initial question that was put to the panel - how can cultural agents contribute to a transformative cultural policy? - and not to address the qualities of his organization’s artistic structure, that is well rated in various european applications.

In spite of the success of his work in the cultural area, Rui Horta prefers to engage in self-criticism, and demonstrate his frustration for the insufficiency regarding the transformative role: “we are relatively transformative in culture, and little or nothing in education”. Rui Horta and *Espaço do Tempo*⁶ have set their headquarters in Montemor-o-Novo 15 years ago, following an invitation from the City Hall, at the time led by Carlos Pinto Sá, and have since contributed to the city’s economy, and to its cultural and educational dynamic. In recent years, he cautioned, one of the country’s shortcomings is the fact that political power has never understood culture (and education and science) as a fundamental part of society. Regarding the central State, for example, the Budget for Culture represents 0.1 % - he draws a dot on the wall behind to demonstrate how small the number is - and that “shows deep stupidity, as in the European context most jobs are currently created in creative industries”. Therefore, one cannot understand that in an age when economy is intelligent

6 www.oespacodotempo.pt

and cities are intelligent, the State does not invest in the critical mass and true capacitation of citizens.

Regarding the central issue of the debate, the choreographer presented one of the latest initiatives developed by *Espaço do Tempo*, intitled *Sinais de Fumo - Conversas para além da crise*⁷ [Smoke Signals - Conversations beyond the crisis], with the participation of various personalities from multiple areas of knowledge, that was later published in book format and distributed to the country's leaders. The disconnect between the elites and the general Portuguese population is another factor for political instability throughout time; it is necessary that civil society can impose a form of transformative thinking, and yet we are still atomized and depressed from 40 years of fascism. This is the real problem: Our leaders "are the worst we have", and are only concerned with the survival of the political-partisan apparatus, when what we really need are people with a holistic vision of complex systems, who can fight the tragic attack from savage capitalism. Schools (education) are a "gigantic fraud", because in spite of reasonable public funding, there has not yet been a Minister able to deliver the necessary transformation, namely in overcoming an educational logic of control (psychological and physical) of children and young people. In this perspective, the largest transformation in Portugal must take place in the area of education. Alongside that task, it is also important that civil society is further involved in horizontal processes of cooperation, mobilizing critical thinking and the debate of political options.

7 <http://www.sinaisdefumo.net>

PAINEL 3

CULTURE AND TERRITORY

VISIT TO FORMER INDUSTRIAL SPACES

If we consider the territory experienced or inhabited by a certain community as the expression of its economic, social and cultural life, the possibility of occupying vacant industrial spaces, both in the historic centre and in the nearest periphery, creates a particular cultural dynamic.

As architect Jorge Silva said, the Community must find organizational structures that work in parallel to the large cultural projects that are generated by political power, in order to be able to define its own strategies for culture and to find possibilities for future use, within the temporary and transitory nature of cities.

In this context, a visit to former industrial spaces was organized, and will be briefly described below. These are places that have either been transformed into cultural spaces, or are abandoned but have the potential for transformation and aggregation of cultural value for citizens, the city and the territory. This visit took place in the context of Panel 3 - Culture and Territory.

FORMER EPAC BARNES This space (to the south of Évora, outside the 14th century walls and the 17th century bulwarks) and all its surrounding area, including the Public Garden (1867) was projected by architect and scenographer José Cinatti (Siena, 1808 - Lisbon, 1879). It is a set of interventions, almost an urban project, that took place in this whole southern area of the city of Évora. The Rossio (14th century) was rearranged, the St. Bráz hermitage (15th century, 1482) was regularised and a supporting wall was built. This spatial (re)organization is related to the arrival of the railway line to Évora in 1863, the construction of the station and its connection to the city. The entire southern area was subject to intervention and enhanced, with the objective - never accomplished - of creating a new center for the city.

The barns, near the orchard and vegetable garden, were part of the Barahona Palace (19th Century - 1867), located to the north of this area. In the mid-20th century this space still belonged to the Barahona family. In the 1970s, its ownership was transferred to the EPAC (Public Company for Grain Supplies, 1976-1999) and in 1997 it was acquired by Évora Municipality. At that time, through a series of agreements with the municipal administration, the use of the space was granted to cultural associations that have developed their

activity there. Since then, and as a result of this new occupation, the former Barns have hosted various cultural events. The building was made with solid brick, and currently display structural problems of some concern. An interesting aspect of this barn building is the fact that it is part of a farm house and is integrated in a vast ensemble that includes the Rossio and the Public Garden, and should therefore not be seen in isolation, but as a factor in the planning of an area of the city. The relation established between the medieval city (inside the walls) and the new city, from the late 19th century (outside the walls) is interesting and shows future potential, acting as an element of mediation between the Historic Center and the extensive contemporary City.

The following associations operate in the Barns Space: A Bruxa Teatro, Coleção B, Pé de Xumbo and Cantares de Évora. They will be briefly described below.

A Bruxa Teatro

Cultural Association devoted to theatrical creation and production. Professional Theatre Company - its artistic creation is based on texts from contemporary dramaturgy. Its Mission is to produce and provide cultural services, namely in the theatrical and cinematographic fields, to preserve the cultural patrimony and to provide artistic and cultural training. "For us, theatre is a place of resistance, for it is a place of existence. Of existence in spite of everything. In spite of the difficulties of the present, in spite of the weight of the past, in spite of all the impediments, ostentation and vanity of the present. A space to exist together: spectators, actors, playwrights, artists and others".

Coleção B

Nonprofit cultural association. The association organized, between 2004 and 2012, the Escrita na Paisagem - Performance and Land Arts Festival. Since October, 2011, it has been the cultural entity responsible for the cultural programming of the São Vicente Church, after having produced performances, meetings, debates, presentations and exhibitions in that space, in the context of the 2011 Escrita Festival. The São Vicente Cycles, that began in 2011, include training activities, performances, exhibitions, meetings, cinema, dance, music, and more.

The name of the association is an 'objet trouvé': "*The stamp from an old publishing house provided us with a name and a logo. We believe in the collective that the name designates*".

Pé de Xumbo

Association for the Promotion of Music and Dance; it operates since 1998 in the promotion of traditional music and dance. A professional team is dedicated to the recovery of these cultural practices, through recordings,

co-productions, artistic creation, research, training for trainers, and informal learning for all ages.

Pé de Xumbo aims to revive social habits of experiencing music, by re-producing traditional dance parties involving new generations, who learn from old practices.

In its own facilities, in Évora, the association regularly organizes dance and music workshops, concerts, dance parties and informal round tables for various publics. The association organizes festivals across the country, with particular highlight to the well-known “Andanças”. It promotes regular dance classes in schools and kindergartens, community projects for artistic training, and training events to explore the various aspects of traditional dances.

It is part of various international partnerships, and has a pioneer role in the artistic creation of new formats for dance parties, exploring the concepts of social dances, interactivity, ritual, creativity, contemporaneity and tradition. It is involved, in collaboration with universities, in ethnochoreological research, and has published several books and documentaries.

Cantares de Évora

The Cantares de Évora Group was founded in 1979, with the mission to fill a “Cultural Space” in the city of Évora, dedicated to Alentejo’s Traditional Choral Singing. Its repertoire is composed of “Modas Antigas” [Old Popular Songs from the Alentejo], and remains completely faithful to the traditional songbook; no arrangements or alterations were made to the music or poems, all of popular origin.

They have the particular feature of including both men and women and currently have about 25 singers. In their performances, the Group wears the traditional Alentejo attire, rigorously representing the way various social strata and professions dressed in the 1940s.

They have performed both in Portugal and abroad, namely in Cuba, Russia, Armenia, Tunisia, Egypt, Canada, Spain, etc., and, in July 2010, in Ravena, Italy, in the scope of the Oralities project. This project is an initiative under the European Culture Programme 2007-2013, and involves an international partnership between the Municipalities of Évora, Idranha-a-Nova and Mértola (Portugal), Ourense (Spain), Ravena (Italy), Birgu (Malta) and Sliven (Bulgaria) .

FORMER WHEAT SEED SORTING FACTORY

A set of buildings from the late 19th century and early 20th century, along with others from the 1960s, that occupy an area of about 3 hectares, in the southern area of Évora, near the railway station, with its own railway platform. After 1936, it became the propriety of the National Federation of Wheat Producers. When this entity was extinguished, after the 25th of April of 1974 revolution, the ownership was transferred to EPAC, Public Company for Grain Supplies. Finally, it became the

property of the Ministry of Finances since the late 1990s, when the EPAC was extinguished, and has been vacant since then. This building from 1960, of great architectonic and spatial interest, presents interesting possibilities due to the multiple functionalities it can host. At the present date, two warehouses from the 19th/20th centuries set have been rehabilitated and are occupied by part of the Sintra National Park/ Institute for Nature and Forest Conservation archive. As there are no plans for the use of the remaining buildings, that are for now in relative good condition, this is an example of a place with great potential for the installation of creative enterprises and/or cultural associations, and also for hosting events, exhibitions, theatre and dance performances, concerts, workshops, and more.

FORMER MEAT FACTORY A group of buildings dating back to the 1930s/40s, located in the southern area of Évora, near the railway station. In the extension of the line from the Former Barns through the Wheat Seed Sorting Factory, we arrive at this former sausage factory that has been out of operation for years. The factory is privately owned; Currently operating in the facilities are a pastry factory and the Associação Cultural do Imaginário.

ASSOCIAÇÃO CULTURAL DO IMAGINÁRIO

The Associação Cultural Do Imaginário has operated in this space since 2004, and has sought to develop a series of initiatives appealing to the community's participation and involvement. With a very limited professional structure, most of the association's activities rely on the active and dedicated volunteer effort of its associates. Amongst its various initiatives, we can highlight Theatre (including many productions for children), traditional and contemporary music projects, training, street entertainment and poetry, among others. It is mostly through its productions, that have been presented across the county, that the association has managed to subsist in rented facilities that have been repeatedly adapted and improved, with the creation of performance halls, rehearsal spaces, a workshop and a small bar for support of the activities.

FINAL NOTES

Culture is the transversal value of human creativity, and an indispensable foundation for the social, intellectual and economic development of societies. In Alentejo, that process involves the promotion of both material and immaterial cultural patrimony through education, the participation of communities – in associations or by other means – critical debate and the proximity of political data, with the goal of achieving a full and sustainable life.

During a first stage (from the 25th of April, 1975 to the mid 90s) the focus was put on building infrastructures on different levels, namely on the construction and consolidation of local government. At this stage, the participation of populations was important, although not decisive. Today there is an attempt to define new strategies for cultural policies, focused on planning and on a wider and better participatory and sustained democracy, along with a more effective, comprehensive and realistic critical conscience, that unfortunately operates under financial and economic constraints that are sometimes decisive.

The current hegemony of cultural policies began during the post-war period (the 90s) and its geopolitical origin was in the U.S.A.. These policies, by propagating so-called “western” values, massify and trivialize the concepts of patrimony, culture and identity and promote the development of mass tourism industries. This leads to the atomization, individualization and consensualization of societies, and to the destruction of cultural values. Public urban spaces are commercialized and privatized, and other territories are musealized, with the collaboration (more or less aware) of cultural agents and the uncritical expectations of a large part of the population.

The series of conferences “Culture, Public Space and Development | Which options for a transformative cultural policy?” has shown that the existence of a sustained urban cultural dimension, anchored on the territory, will be the result of a complex ecosystem and its multiple interdependencies. The relations between citizens and the intersections of the latter with public space, the city - and territories in general - can assume different levels of effectiveness and quality, as can the resultant cultural policies. With regard to this aspect, it is important to find the standard that allows for the development of more resilient and sustainable identity networks. Across the four thematic panels, the problems regarding urbanism, and their possible solutions, were identified;

yet, paradoxes and blockages regarding civil society and the current forms of governance were also diagnosed. We present a small selection of those.

Diagnoses and problems

- We currently have an atomized, depressed civil society that is lacking in critical conscience; the Portuguese elites seem to be unengaged with a transformative agenda.
- Apart from budget cuts in public funding, current policies fail to potentiate the transversality between territory, education, culture and science.
- Public space is sometimes adverse to the intensification of democracy and freedom of expression.
- Territorial identity, conditioned by the mechanisms of the market and by branding, becomes hegemonic and damaging to sociocultural pluralism.
- Historic Centers are in urgent need of re-qualification and revitalization.
- The exodus from urban centers, particularly from historic centers, affects cultural dynamics, as it restrains the possibilities for interaction between cultural and other type of activities.
- Financial and economic rationality has become dominant on the political social and cultural spheres.
- The prevailing notion of entrepreneurship is narrow and nearly exclusively focused on entrepreneurial mantras of success, an innovation that is devoid of foundations, and competition.
- The idea that culture, through creative industries, entrepreneurship and innovation, within a solely economic approach, can/should be the solution for the problems of our society leads, in practice, to the notion that market profitability should determine the success and permanence of cultural processes.

Possible solutions

- To integrate the market and economic dimensions into the equation, but as an answer to the actual needs of the people, not as a lucrative device controlled by financial oligarchies.
- To conceive the city as a space that generates interactions, and that is in permanent distress. Public administration should favour the fruition

and the multiple possibilities for use of public spaces; It is necessary to ensure the existence of multifunctional spaces - thus avoiding social and functional segregations - but also of spaces that are equipped with flexible functionalities and open to the creativity and plural appropriation of interested citizens. There is a growing imperative for the participation of residents and users in the elaboration of urban strategic plans and detailed zoning plans.

- To promote collaborative practices (fostering the creation of associations) allowing for the development of networks and for the atomization of the cultural sector to be halted, establishing networks of interests and promoting inter-territorial and inter-cultural connections.
- To create policies and mechanisms that can implement the support to new uses of vacant properties in urban centres, namely through a public sector that operates in proximity and promotes the mediation between cultural agents and property owners.
- To reallocate public funding to essential areas, reducing the show-off policies of “bread and circus”, as well as to articulate public resources towards a systematic and regular right to the participation in the construction of common policies and in the creation production and fruition of symbolic assets.

We have contacted entities who work from existing assets (Fundação Eugénio de Almeida, Campo Arqueológico de Mértola, Cantares de Évora, Laboratório Hércules) and others who create new assets (Espaço do Tempo, Sociedade Harmonia Eborense, Centro Dramático de Évora, Associação do Imaginário, A Bruxa Teatro). They all contribute, with their respective valences, to the transformation of the territory, encompassing knowledge, techniques, technologies, interdisciplinarity sustained development, social and environmental concerns, along with affective relations, to the enhancement of what is “local” and to the urgent humanization of cultural processes that face the standardized contexts of contemporary society.



NC

NC

NOSSON

M101